

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A ECONOMIA DO TURISMO E O ARTESANATO EM OURO PRETO

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RODRIGO MOUTINHO DAS DORES

MARIANA-MG
2018

RODRIGO MOUTINHO DAS DORES

A ECONOMIA DO TURISMO E O ARTESANATO EM OURO PRETO

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Chrystian Soares Mendes

MARIANA-MG
DEECO/ICSA/UFOP
DEZEMBRO/2018

D695e Dores, Rodrigo Moutinho Das.
A Economia do Turismo e o Artesanato em Ouro Preto [manuscrito] /
Rodrigo Moutinho Das Dores. - 2018.

72f.: il.: color; grafs; tabs.

Orientador: Prof. Dr. Chrystian Soares Mendes.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.

I. Turismo - Aspectos econômicos - Teses. 2. Artesanato - Aspectos econômicos - Teses. 3. Pedra-sabão - Aspectos econômicos - Teses. I. Mendes, Chrystian Soares. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 332(815.1)

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br

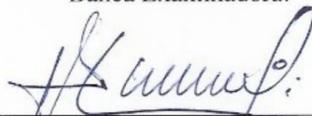
RODRIGO MOUTINHO DAS DORES

Curso de Ciências Econômicas - UFOP

A ECONOMIA DO TURISMO E O ARTESANATO EM OURO PRETO

Trabalho apresentado ao Curso de Ciências Econômicas do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Prof. Dr. Chrystian Soares Mendes.

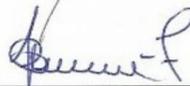
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Thiago de Sousa Barros



Prof. Dr. Getúlio Alves de Souza Matos



Prof. Dr. Chrystian Soares Mendes
Orientador

Mariana, 18 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Queria em primeiro lugar, agradecer a Deus, por ter me dado a vida e saúde para concluir mais essa etapa da minha vida.

À UFOP, pelo ensino gratuito e de qualidade.

A minha Mãe, que sempre me apoiou e encorajou e que muitas vezes abriu mão de suas próprias necessidades para atender as minhas, meu eterno, obrigado.

Ao meu Pai, pelo incentivo, pelos importantes conselhos e lições de vida, serei eternamente grato. Ao meu irmão, pela parceria e por estar sempre ao meu lado.

Aos meus primos, por todos os anos de convivência e companheirismo.

As minhas avós. Vó Rosa, pelo seu exemplo de humildade e simplicidade. Vó Ninha, pelo apoio e incentivo sempre.

As minhas tias. Mercês, que com seu jeito único, fez parte dessa história. Cidinha, que com sua seriedade foi importante nessa caminhada.

Aos meus tios. Tio Lelé, pelo seu exemplo de vida, obrigado por ter feito parte da minha vida. Nico, que mesmo estando longe sempre que possível ajudou, fazendo parte dessa jornada.

Aos queridos funcionários e excelentes professores do ICSA, em especial, ao meu orientador Chrystian, obrigado pelos conselhos e apoio.

A todos os meus amigos que fiz ao longo dessa jornada, tornando a caminhada mais leve e suave, nunca os esquecerei.

A uma flor doce e meiga que desabrochou no meu caminho, tornando-o mais bonito.

As Repúblicas amigas, que em muitas noites serviram de abrigo ao longo desses anos. Quero desejar a todos o meu sincero, Obrigado.

“Uma pessoa pode considerar-se sábia se busca a sabedoria, mas é estulta se pensa tê-la encontrado”.

(Provérbio persa)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE GRÁFICOS.....	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PROBLEMA DE PESQUISA	3
3. JUSTIFICATIVA	6
4.OBJETIVOS	14
4.1 Objetivo Geral	14
4.2 Objetivos específicos.....	14
5. REFERENCIAL TEÓRICO – ECONOMIA E TURISMO.....	15
5.1 O conceito de turismo na história.....	15
5.2 Ministério do Turismo e Políticas Públicas	23
5.3 Período Recente – Anos 90	30
5.4 Ouro Preto, uma Cidade Patrimônio	32
6. METODOLOGIA.....	38
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
7.1 Turismo	39
7.2 Origem do turista.....	40
7.3 Motivo da Viagem.....	40
7.4 Meio de Hospedagem.....	41
7.5 Modo da Viagem.....	41
7.6 Idade do turista	41
7.7 Escolaridade	42
7.8 Renda.....	43
7.9 Perfil dos Artesãos	44
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Desembarques Internacionais de Passageiros.....	11
Tabela 2- Desembarques Nacionais de passageiros	11
Tabela 3 – Receita e Despesa Cambial.....	12

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Chegadas de Turistas internacionais	7
Gráfico 2 – Chegadas de Turistas Internacionais por região.....	8
Gráfico 3 – Chegadas de Turistas internacionais na América e Receita	9
Gráfico 4 – Chegadas Turistas Internacionais Países da América do Sul	10
Gráfico 5 – Idade média do Turista.....	42
Gráfico 6 – Escolaridade Média do Turista.....	43
Gráfico 7 – Renda média do Turista.....	43
Gráfico 8 – Idade artesão Ouro Preto	45
Gráfico 9 – Idade artesão Cachoeira do Campo	45
Gráfico 10 – Escolaridade Artesão Ouro Preto	46
Gráfico 11 – Escolaridade artesão Cachoeira do Campo	46
Gráfico 12 – Renda Familiar artesão de Ouro Preto	47
Gráfico 13 – Renda Familiar artesão de Cachoeira do Campo	47
Gráfico 14 – número de dependentes artesãos de Ouro Preto	48
Gráfico 15 – número dependentes artesãos de Cachoeira do Campo.....	48
Gráfico 16 – Tempo em que trabalha com artesanato – Ouro Preto	49
Gráfico 17 – Tempo em que trabalha com artesanato – Cachoeira do Campo	50

RESUMO

Ao longo dos anos, o turismo tem crescido de maneira substancial, sendo um agente indutor do crescimento e do desenvolvimento socioeconômico de determinadas regiões que apresentam um potencial turístico. Por deter características marcantes como: Arquitetura Barroca clássica, inúmeros Museus e Monumentos tombados, Ouro Preto é uma dessas regiões. Por ser Patrimônio Mundial da Humanidade, devido ao elevado número de bens materiais e imateriais tombados, o turismo tem se destacado como atividade geradora de emprego e renda na região. Com base nisso, esse trabalho buscou compreender e analisar a economia do turismo e o artesanato de Pedra Sabão em Ouro Preto, bem como analisar o perfil do artesão do município. Deste modo, para alcançar os objetivos do estudo, foram analisados dados referentes à atividade do Turismo, além da aplicação de questionários junto aos artesãos, tanto de Ouro Preto como também de Cachoeira do Campo. A partir dos dados fornecidos, encontrados e coletados, foi possível identificar a característica do turismo por meio da identificação do perfil do visitante. Além de conhecer o perfil socioeconômico dos artesãos, identificando os possíveis gargalos do setor pelo seu ponto de vista.

Palavras Chave: Turismo; Artesanato; Artesãos; Pedra de Sabão.

ABSTRACT

Over the years, tourism has grown substantially and is an agent that promotes the growth and socioeconomic development of certain regions with tourism potential. For presenting such striking characteristics as: Classical Baroque architecture, numerous Museums and Monuments listed, Ouro Preto is one of these regions. As a World Heritage Site, due to the high number of tangible and intangible assets, tourism has stood out as an activity that generates employment and income in the region. Based on this, this work sought to understand and analyze the tourism economy and the crafts of Pedra Sabão in Ouro Preto, as well as to analyze the profile of the craftsman of the municipality. Thus, to reach the objectives of the study, data regarding tourism activity were analyzed, as well as questionnaires applied to the artisans, both from Ouro Preto and Cachoeira do Campo. From the data provided, found and collected, it was possible to identify the characteristic of tourism by identifying the profile of the visitor. In addition to knowing the socioeconomic profile of the artisans, identifying the possible obstacles of the sector from their point of view.

Keys Words: Tourism; Crafts; Craftsman; Soap stone

1. INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o turismo começou a se desenvolver e evoluir, se destacando como uma importante atividade econômica (SALGUEIRO, 2002, CUNHA, 2010). No entanto, o protagonismo do turismo no Brasil é relativamente recente, meados dos 90, quando de fato, foram implementadas as primeiras políticas de incentivo a essa atividade. A partir daí, o turismo se desenvolveu se tornando umas das principais atividades geradoras de renda e emprego no Brasil (CAVALCANTI, 2002).

A cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, considerada Patrimônio Mundial da Humanidade, se destaca nessa atividade (UNESCO), por apresentar elevado potencial turístico, por ser berço da Inconfidência Mineira e ter um cenário histórico cultural singular. Atrelada à atividade do turismo, encontra-se o artesanato em Pedra Sabão, atividade esta responsável pela geração de empregos diretos e indiretos na região (MACHADO, 2014).

Esse trabalho é composto de nove partes, a seção um traz uma breve introdução do conteúdo e do que será abordado.

Na seção 2 é apresentado o problema de pesquisa. Onde se pode destacar a falta de dados e informações, em especial, do artesão de Pedra Sabão em Ouro Preto, além da falta de interação entre a Universidade Federal de Ouro Preto e os artesãos da cidade. Em seguida são abordadas as justificativas desse trabalho, onde é enfatizado o elevado potencial turístico de Ouro Preto e a falta de estudos dedicados a esse setor que se mostra um importante agente na inclusão social e na geração de renda.

Na seção 4 são apresentados os objetivos desse trabalho. Sendo o objetivo geral analisar a influência do turismo e do artesanato de Pedra Sabão em Ouro Preto. E os objetivos específicos, a saber: verificar o perfil socioeconômico do artesão de Pedra Sabão e, com base nisso, analisar sua influência no Município. E por fim, identificar o perfil do turista que visita a cidade, buscando encontrar possíveis políticas de incentivo para o desenvolvimento do setor.

Na seção 5 é apresentada uma análise do referencial teórico sobre a Economia do Turismo, onde são denotados os conceitos e definições dos agentes dessa atividade, definições e conceitos que foram evoluindo ao longo tempo. Tendo como base, o primeiro conceito econômico, segundo Cunha (2010), abordado pelo escritor francês Stendhal, em 1830, onde são apresentados os efeitos econômicos dessa atividade, até os conceitos utilizados nos dias atuais

pela Organização Mundial do Turismo. Fica evidente a evolução e o crescimento desse setor ao longo dos tempos.

Ainda na seção cinco, é apresentada a evolução do Turismo e das Políticas Públicas para o desenvolvimento do setor no Brasil, desde suas primeiras tentativas em 1930, puxadas pelo crescimento econômico do período conhecido como “milagre econômico” (CAVALCANTIL, 2002), até os dias atuais com a criação do Ministério do Turismo (2003), que possibilitou a criação e implementação de diversas Políticas Públicas para o setor, sendo a principal delas o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Este programa deu mais autonomia aos Estados e Municípios, propiciando assim um maior crescimento e desenvolvimento dessa atividade (MINISTÉRIO DO TURISMO).

É descrita a cidade de Ouro Preto, Patrimônio Mundial da Humanidade, onde são abordadas suas características históricas e culturais. Apresentado seus bens materiais e imateriais tombados, o que a torna uma cidade especial, excêntrica e única, confirmando seu elevado potencial turístico.

Na seção 6 é apresentada a metodologia utilizada para a realização e conclusão desse trabalho, que consiste em uma análise quantitativa, qualitativa e descritiva dos dados. Alguns desses dados foram fornecidos pela Secretaria de Turismo do município, outros resultados de questionários aplicados aos artesãos de Pedra de Sabão da sede e distrito de Cachoeira do Campo.

A seção 7 reúne os dados e resultados encontrados, com uma análise dos mesmos.

Por fim, com base nos dados e resultados encontrados, é dissertada a conclusão, onde são apresentadas as qualidades e falhas desse setor, em especial pela visão do artesão. Trazendo assim possíveis ideias de melhorias para um desenvolvimento ainda maior do setor.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

A falta de dados e informações sobre o turismo e o artesanato de pedra sabão, a ausência de uma infraestrutura adequada da feira, além de baixa interação entre os artesãos e a Universidade de Ouro Preto, são problemas apresentados pelo setor?

Segundo Ricci (2009) o turismo é uma atividade que vai além dos setores convencionais da economia, tendo impactos na questão social, ambiental e cultural. Por isso conhecer o segmento do turismo e o poder de sua ligação com os demais setores da economia é importante.

Deve-se destacar que há poucos estudos encontrados na academia sobre essa temática, como Cordeiro (2008) que em seu estudo procurou analisar as transformações espaciais ocorridas no distrito de Lavras Novas em decorrência da chegada do turismo na Região, Lavras Novas que é conhecida por suas cachoeiras e também foi cenário do filme “As Filhas do Vento”.

Da Graça Sandoval et al (2009), por sua vez, procurou analisar os impactos da atividade turística em Ouro Preto, uma cidade tombada, e como essa atividade afeta a população local e o impacto na preservação do patrimônio e da cultura na região.

Já Santos (2009), buscou analisar os entraves para a criação de um arranjo produtivo local (APL) baseado na mineração e produção de artesanato em Pedra-Sabão, e identificou os principais entraves para a criação da APL e a produção do artesanato como: ilegalidade da mineração, desarticulação do setor produtivo e produção arcaica. Machado & Filho (2014), contudo, analisaram a Feira de Pedra Sabão como um produto turístico da Cidade de Ouro Preto, e buscaram entender esse empreendimento na visão do artesão, além de identificar as carências desse setor.

Vale frisar que desde a antiguidade as feiras são utilizadas na comercialização de mercadorias, passando a ser importante na valorização do patrimônio cultural. A feira de artesanato de Pedra-Sabão em Ouro Preto, principal ponto de comercialização desse tipo de artesanato, apesar da sua história e importância carece de maiores estudos do artesanato como produto turístico (MACHADO, FILHO, 2014).

A Feira de Artesanato em Pedra Sabão de Ouro Preto-MG, principal ponto de comercialização desse tipo de artesanato, carece de maiores estudos do artesanato como produto turístico. [...] Constatou-se que, embora o artesanato em pedra-sabão represente genuinamente uma herança cultural local — com material oriundo, em sua maioria, do distrito de Santa Rita de Ouro Preto —, são necessárias ainda ações que visem a atender aos artesãos no que tange à organização cooperativista, às melhorias na infraestrutura, ao

maior envolvimento do setor público e ao apoio na divulgação dos trabalhos (MACHADO, 2014, p.39).

Segundo Bartholo et al (2009), o turismo de base comunitária pode contribuir para a inclusão da comunidade, desde que participem de forma organizada na tomada de decisões, no planejamento e na execução da atividade turística, podendo assim usufruir também dos benefícios em busca de uma inclusão socioeconômica.

Nesse sentido, Santos (2009) analisou em seu estudo os entraves para a criação de um APL de base mineral para a pedra de sabão para a região de Ouro Preto, sendo essa atividade importante para o desenvolvimento local. Porém, ela cita inúmeras ilegalidades; informalidade; agências ambientais, entre outros entraves para o desenvolvimento dessa indústria. Apesar desse tipo de artesanato ser oriundo da região, são necessárias ações que visem atender aos artesãos no que tange à organização cooperativista, à melhoria da infraestrutura, proporcionando assim maior envolvimento do setor público e maior divulgação de trabalhos relacionados ao setor (MACHADO, 2014).

O turismo é um setor da economia que envolve direta e indiretamente vários outros setores da economia, sendo o fator humano, o sujeito da ação, presente em todas as atividades, seja como consumidor ou como prestador de serviço (MACHADO, 2014). Conforme Olivia (2005) destacou, o turismo é um importante propulsor econômico para a região, através da preservação do patrimônio, paisagens naturais, acervos e museus.

No que tange ao artesanato de pedra de sabão, Machado (2014) analisou a tradicional Feira de Pedra Sabão, onde buscou descrever as etapas de produção desde a coleta da matéria prima (pedra-sabão) até o produto final. Além de características dos artesãos, como renda mensal; sexo e região de nascimento. Porém, não calculou a influência dessa atividade na economia local.

A falta de dados e informações sobre esse setor é um problema, por se tratar de um setor muito informal, onde grande parte dos artesãos, cerca de 60%, não possuem CNPJ (SEBRAE, 2013)¹. Deste modo, o presente estudo busca levantar dados sobre essa atividade, permitindo assim conhecer mais a fundo esse setor, a fim de desenvolver políticas com o intuito de incentivar o seu crescimento, romper barreiras, beneficiando assim não só a população local, mas também todas as pessoas que direta ou indiretamente dependem desse setor. Outro dado importante

¹ SEBRAE – Relatório O Artesão Brasileiro 2013 - http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf p.108

divulgado no relatório², é que cerca de 77 % dos artesãos produzem o artesanato em casa, isso mostra a importância de um arranjo produtivo local, afim de aumentar a produção reduzindo os custos. Onde 59% dessa produção artesanal é remunerada por peça produzida, enquanto apenas 8% é remunerada através de salário fixo, isso mostra o elevado grau de informalidade.³

² SEBRAE – O Artesão Brasileiro - http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf p. 64

³ SEBRAE – O Artesão Brasileiro - http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf p.66

3. JUSTIFICATIVA

O título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido á cidade de Ouro Preto pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura - UNESCO se dá por seu aspecto histórico e sua arquitetura marcante. Essas características possibilitaram ao município que também ficasse conhecido por seu artesanato, tanto em madeira, como em joias e, principalmente, em pedra-sabão (IPHAN) ⁴.

No entanto, segundo pesquisa do SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais⁵, realizada em 2013, levando em consideração as peças artesanais de maior quantidade produzidas, as principais atividades artesanais desenvolvidas eram o bordado, seguida pelo artesanato em madeira e pedras preciosas. Apesar da tradicional e conhecida Feira de Pedra-sabão, esse tipo de artesanato mostrou-se muito pequeno. Segundo a pesquisa, três em cada cinco entrevistados tinham o artesanato como principal fonte de renda, o que permitiu a essa atividade ser uma importante alternativa econômica para a população local excluída do mercado de trabalho formal (BEZERRA et al, 2003).

Diante do explicitado, além da pequena quantidade de trabalhos encontrados na academia sobre essa temática na cidade de Ouro Preto-MG, Grammont (2006), Tafuri (2006), Sandoval et al (2009), Santos (2009), o presente trabalho busca estudar a influência do Artesanato em pedra-sabão, assim como do Turismo na economia local, além de compreender sua estruturação e identificar possíveis políticas de incentivo para o seu desenvolvimento.

Apesar disso, segundo Beni (2015), ainda existem poucos estudos relacionados a economia do turismo. Sendo uma das justificativas desse trabalho, contribuir para o desenvolvimento dessa atividade no Município de Ouro Preto.

A atividade turística pode ser muito importante para uma determinada região. A cidade de Ouro Preto, por exemplo, apesar de sua maior arrecadação não ser proveniente do Turismo, segundo dados da Prefeitura de Ouro Preto⁶, ela é uma atividade muito importante na geração de

⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - <http://portal.iphan.gov.br/mg>

⁵ O Artesão Brasileiro. SEBRAE, 2013 - http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf p.22

⁶ Prefeitura de Ouro Preto - <http://ouopreto.mg.gov.br/transparencia/receitas>

emprego na região, sendo um grande absorvedor de mão de obra não qualificada⁷, sendo o artesanato para muitos desses artesões a principal fonte de renda.

Dessa forma, segundo Beni (1998), a atividade turística se constitui em partes que interagem entre si impactando umas as outras e que se bem planejadas e adequadamente geridas podem levar a um desenvolvimento sustentável. Sendo assim, esse estudo se mostra relevante a fim de se obter mais dados e informações a respeito do turismo e artesanato em Ouro Preto, com intuito de identificar possíveis políticas para o desenvolvimento sustentável dessa atividade.

A multidisciplinariedade do setor, os impactos econômicos, sociais, ambientais e culturais gerados pelo turismo exigem um processo de planejamento e gestão que oriente, discipline e se constitua em um importante instrumento para o desenvolvimento da atividade nos níveis local, regional e nacional (Ministério do Turismo 2018, p.4).

Segundo dados do relatório anual da *World Tourism Organization (UNWTO) (2015)*⁸, o Turismo tem crescido de forma acelerada, com cerca de 500 mil em 1995, chegando há mais de 1 bilhão em 2015, tendo uma pequena queda em 2008 provocada pela crise imobiliária.

Mundo: turismo de entrada

Chegadas de turistas internacionais

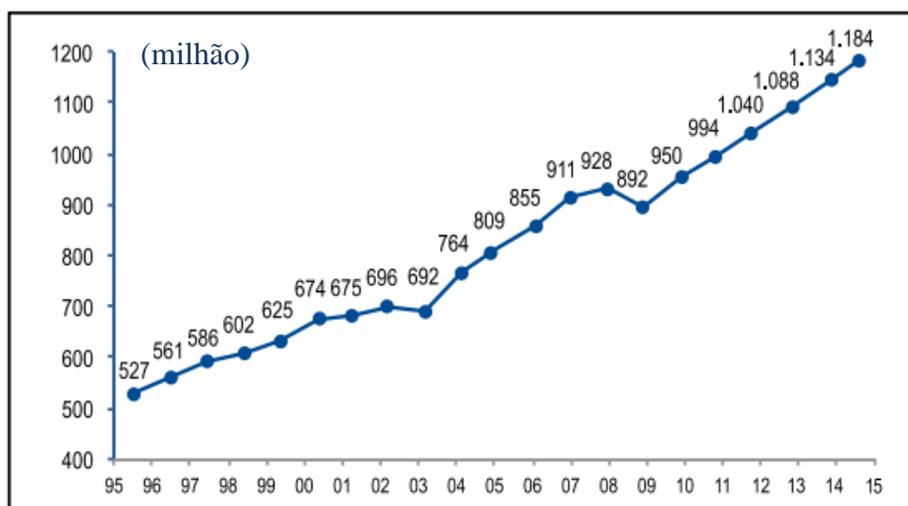


Gráfico 1 – Chegadas de Turistas internacionais

Fonte: World Tourism Organization (UNWTO) Annual report 2015 ⁹

⁷ Segundo dados do SEBRAE obtidos na pesquisa o Artesão Brasileiro aproximadamente um terço dos artesões não possui nível fundamental completo, essa pesquisa foi feita em todo o território nacional, totalizando 1.301 entrevistados, em Minas Gerais foram entrevistados 489 pessoas, correspondendo cerca de 37% da amostra.

⁸ UNWTO – Organização Mundial do Turismo é uma agência das Nações Unidas que tem como princípio o desenvolvimento do Turismo de forma responsável e sustentável, buscando torna o Turismo universalmente acessível.

Destas chegadas, aproximadamente 190 milhões, cerca de 16 % tinham como destino as Américas, apresentando uma estimativa para 2016 de um aumento próximo de 4 a 5%, segundo dados da (UNWTO) (2015), conforme podemos observar no gráfico 2:

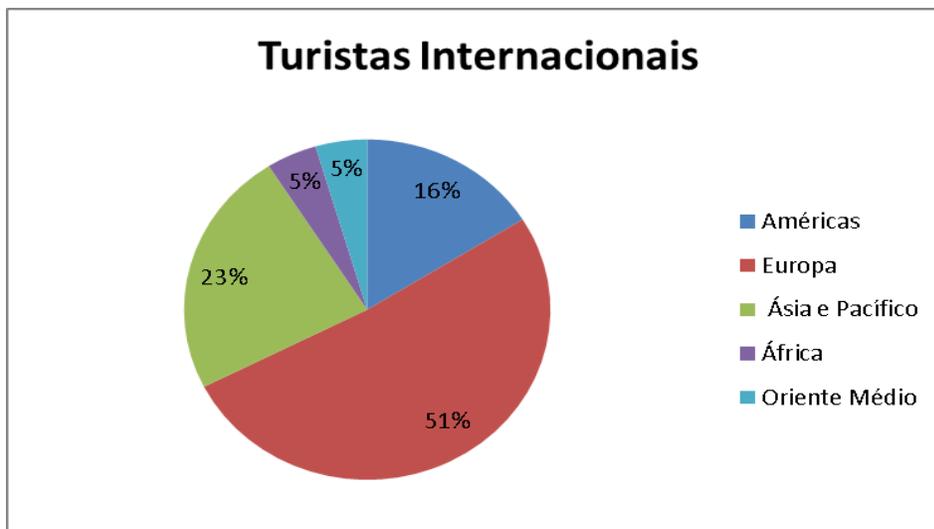


Gráfico 2 – Chegadas de Turistas Internacionais por região

Fonte: Organização Mundial do Turismo ¹⁰ - Elaboração Própria

Segundo o Gráfico 3, obtido por meio dos dados do Relatório Anual de Turismo (2015)¹¹, a chegada desses 191 milhões de turistas na América gerou uma receita de, aproximadamente, US\$ 274 milhões. Isso mostra a importância do turismo como uma fonte de renda e geração de emprego para os países, principalmente os subdesenvolvidos.

⁹ World Tourism Organization (UNWTO) Annual report 2015 -

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/estatisticas_indicadores/UNWTO_Annual_report_2015.pdf p.15

¹⁰ Organização Mundial do turismo -

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/estatisticas_indicadores/UNWTO_Annual_report_2015.pdf p.15

¹¹ UNWTO Annual report 2015 -

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/estatisticas_indicadores/UNWTO_Annual_report_2015.pdf p.69

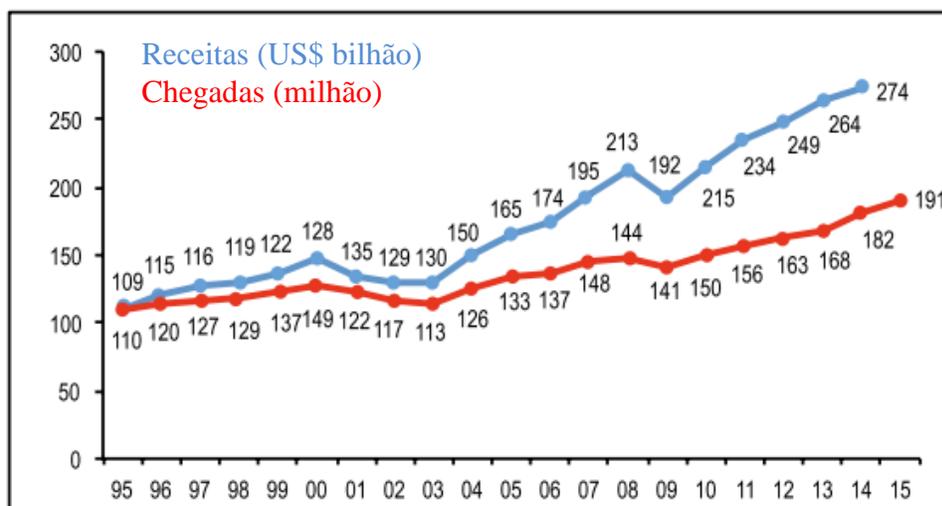


Gráfico 3 – Chegadas de Turistas internacionais na América e Receita
 Fonte : UNTWO (2015)

Segundo dados da OMT informado pela Agência EFE¹², em 2017, o turismo superou as expectativas, atingindo 1,322 bilhão de viajantes internacionais, uma aumento de mais de 7% em relação a 2016. Segundo o secretário-geral da Organização Mundial de Turismo (OMT), Zurab Pololikashvili, o aumento da demanda turística, em especial nos países emergentes como Brasil e Rússia, foram puxados pela recuperação econômica mundial. Além da realização dos eventos esportivos Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016 realizadas no Brasil e a realização da Copa do Mundo da Rússia 2018 (AGÊNCIA BRASIL, 2018).

Comparando o Brasil com outros países da América do Sul, ele é o país que mais recebe turistas, diversos podem ser os fatores que o torna tão atraente: clima tropical, que em conjunto com as belíssimas praias, torna o Brasil um excelente roteiro, o elevado número de bens tombados, totalizando 18 bens entre naturais e culturais listados na UNESCO como Patrimônio da Humanidade segundo o IPHAN¹³, diversidade cultural, comidas típicas, além de únicas paisagens naturais.

¹² Agência Brasil - <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-01/turismo-mundial-registrou-crescimento-de-7-em-2017-mostra-omt>

¹³ IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br/clc/noticias/detalhes/3166/gestores-debatem-o-patrimonio-mundial-na-america-do-sul>

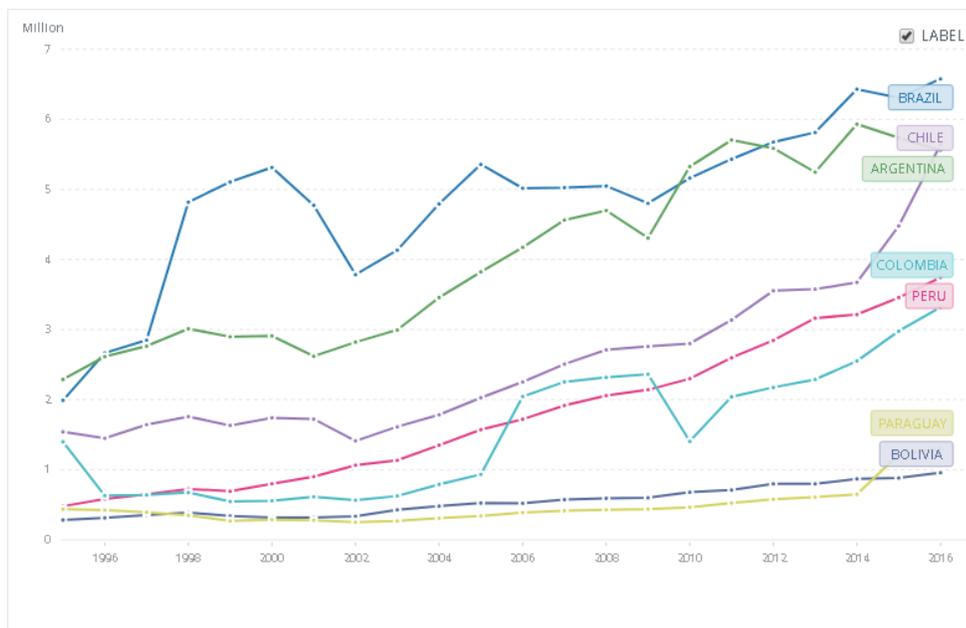


Gráfico 4 – Chegadas Turistas Internacionais Países da América do Sul
 Fonte: Banco Mundial ¹⁴,2018.

No Brasil, segundo dados da tabela divulgada pelo Ministério do Turismo, baseado em dados coletados pela ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil, os números de desembarques internacionais tiveram um aumento comparando 2017/2018, tendo uma variação positiva de 13%. Já o número de desembarques nacionais tiveram uma variação positiva de 3,29%. (MINISTÉRIO DO TURISMO,2018) ^{15 16}

¹⁴ The World Bank - https://data.worldbank.org/indicador/ST.INT.ARVL?end=2016&locations=BR-AR-BO-PE-CO-CL-PY&name_desc=false&start=1995&view=chart

¹⁵ Ministério do Turismo dados e fatos - <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticas-e-indicadores/desembarques-internacionais.html>

¹⁶ Ministério do Turismo dados e fatos - <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticas-e-indicadores/desembarques-domesticos.html>

Tabela 1 – Desembarques Internacionais de Passageiros

Mês	Desembarques de passageiros ^(17 18)						
	2017			2018 ⁽³⁾			Variação %
	Regulares	Não regulares	Total	Regulares	Não regulares	Total	
Total	4,882,655	190,362	5,073,017	5,473,792	274,396	5,748,188	13.31
Janeiro	920,885	73,004	993,889	1,058,267	106,036	1,164,303	17.15
Fevereiro	772,945	38,825	811,770	929,493	74,275	1,003,768	23.65
Março	833,195	36,644	869,839	914,468	33,104	947,572	8.94
Abril	759,282	22,422	781,704	843,982	18,481	862,463	10.33
Maiο	809,252	8,804	818,056	869,099	22,168	891,267	8.95
Junho	787,096	10,663	797,759	858,483	20,332	878,815	10.16

Fonte: Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC 2018

Tabela 2- Desembarques Nacionais de passageiros

Mês	Desembarques de passageiros ⁽¹⁹²⁰⁾						
	2017			2018 ⁽²¹⁾			Variação %
	Regulares	Não regulares	Total	Regulares	Não regulares	Total	
Total	42.611.149	1,633,449	44,244,598	44,497,361	1,200,811	45,698,172	3.29
Janeiro	7,988,868	673,130	8,661,998	8,408,638	454,574	8,863,212	2.32
Fevereiro	6,473,560	250,099	6,723,659	6,695,070	307,957	7,003,027	4.15
Março	7,374,103	187,611	7,561,714	7,458,556	167,728	7,626,284	0.85
Abril	6,899,310	130,646	7,029,956	7,346,761	89,484	7,436,245	5.78
Maiο	7,054,317	169,291	7,223,608	7,378,685	78,043	7,456,728	3.23
Junho	6,820,991	222,672	7,043,663	7,209,651	103,025	7,312,676	3.82

Fonte: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária - Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC 2018

Segundo dados do Banco Central do Brasil – BACEN, divulgados pelo Ministério do Turismo²² a receita cambial turística apresentou um superávit de cerca de US\$ 9.785 milhões em 2017 e apresenta uma estimativa de US\$ 9.362 milhões em 2018.

¹⁷ Os dados incluem desembarques de passageiros residentes e não residentes no Brasil

¹⁸ Dados revisados em 2017

¹⁹ Os dados incluem desembarques de passageiros residentes e não residentes no Brasil

²⁰ Dados revisados em 2017

²¹ Dados de 2018 publicado em 18/07/2018

²² Ministério do Turismo dados e fatos - <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticas-e-indicadores/receita-cambial.html>

Tabela 3 – Receita e Despesa Cambial

Mês	Receita e despesa cambial turística (milhões de US\$)					
	Receita			Despesa		
	2017	2018	Variação % 2017/2018	2017	2018	Variação % 2017/2018
Total	4,360	4,513	3.49	14,145	13,875	(1.91)
Janeiro	661	779	17.86	1,579	2,002	26.79
Fevereiro	535	611	14.20	1,362	1,405	3.17
Março	650	544	(16.27)	1,533	1,524	(0.56)
Abril	417	499	19.63	1,325	1,538	16.14
Maiο	419	429	2.30	1,496	1,615	7.95
Junho	377	379	0.52	1,510	1,487	(1.50)
Julho	440	417	(5.30)	1,879	1,731	(7.86)
Agosto	455	482	6.02	1,745	1,382	(20.83)
Setembro	407	373	(8.28)	1,716	1,189	(30.71)

Fonte: Banco Central do Brasil - BACEN

Além disso, conforme estudo da WTTC realizado em 2018, em parceria com a Universidade de Oxford, divulgado pelo Ministério do Turismo²³, o turismo no Brasil em 2017 foi responsável pela injeção de aproximadamente US\$ 163 bilhões, o que representa cerca de 7,9% do PIB Nacional, com relação ao números de empregos, segundo os dados esse setor foi responsável pela geração de cerca de 6,59 milhões de empregos, com uma estimativa de aumento de 1,8% em 2018, chegando a marca de 8 milhões de empregos gerados. Os dados foram divulgados com base no estudo econômico elaborado pela Oxford Economic para Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), Oxford Economic que é a mais influente consultora independente do setor no mundo. De acordo com a organização o turismo irá contribuir para o PIB Nacional com um aumento de 2,5% em 2018, podendo chegar a 8,2% em 2028 (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

O estudo realizado analisou 185 países de 25 regiões do mundo. O Documento destacou a importância da atividade para a economia mundial. No mundo, o setor apresentou um crescimento de 4,6%, sendo responsável pela geração de 7 milhões de empregos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

Em Ouro Preto o turismo é um setor gerador de renda com potencial crescimento, sendo responsável pela criação de empregos diretos e indiretos, em sua maioria de baixa qualificação, sendo um agente que contribui para a redução da desigualdade social (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO).

²³ Ministério do Turismo - [http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11037-turismo-injetou-us\\$-163-bilh%C3%B5es-no-brasil-em-2017.html](http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11037-turismo-injetou-us$-163-bilh%C3%B5es-no-brasil-em-2017.html)

Segundo dados da Prefeitura de Ouro Preto, divulgados pela Secretaria Municipal do Turismo, Indústria e Comércio, no primeiro semestre de 2016 o município recebeu cerca de 152.857 visitantes, sendo 58% turistas e 42% excursionista, permanecendo por aproximadamente 2,7 dias, tendo um gasto médio de R\$ 552,857, resultando em uma injeção financeira maior que 84 milhões (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO - Departamento de Turismo Setor de Estudos e Pesquisas)²⁴.

Diante desse potencial o estudo busca compreender essa atividade, assim como a influência do artesanato no município, a fim de encontrar estratégias e políticas para o desenvolvimento e crescimento dessa atividade na região.

²⁴ Dados cedidos pela Secretária do Turismo, Indústria e Comercio em 2018, os relatórios foram disponibilizados através de envio para o e-mail próprio.

4.OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar a economia do turismo e do artesanato de Pedra-sabão no município de Ouro Preto-MG.

4.2 Objetivos específicos

- Verificar o perfil socioeconômico dos produtores de artesanato em Pedra-Sabão;
- Identificar o perfil do turista que visita Ouro Preto;
- Identificar possíveis políticas de incentivos e estratégia para o desenvolvimento dessa atividade local.

5. REFERENCIAL TEÓRICO – ECONOMIA E TURISMO

O Turismo após o final da 2ª Guerra Mundial tem se mostrado um importante agente do desenvolvimento, tanto econômico, assim como social, em especial nos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil. Diante disso diversos autores Henriques (2003), Santos (2004), Beni (2004), Barbosa (2004), Figueiredo (2005), Xavier (2006), Barretto (2006), Guimarães, Takasago, Mollo (2008), Zavala (2009), Minasi (2013), Souza et al (2013), Abreu et al (2014), Borges & Silva (2015) e Neto et al (2016), procuraram estudar e compreender a importância do Turismo e da Economia do Turismo para o desenvolvimento econômico no Brasil.

Apesar do crescimento do Turismo como fonte motora de desenvolvimento econômico, ele ainda é pouco estudado pela perspectiva econômica. Diversos são os motivos pela baixa produção de estudos relacionados à Economia do Turismo, primeiro, o fato do turismo de massa ser relativamente recente, pós-segunda Guerra Mundial, segundo, pela diferente importância e potencial de acordo com a Região/ Cidade, ou ainda por pelo Turismo ser tratado como uma forma de lazer e descanso (BARBOSA, 2004).

5.1 O conceito de turismo na história

Para entendermos o Turismo como agente do Desenvolvimento Econômico e Social, é necessário conhecer seu conceito, assim como sua estrutura e seu funcionamento. Ao longo do século XX, as organizações internacionais²⁵ Sociedade das Nações (SDN), União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens (IUOTO), reconheceram a considerável necessidade de se definir conceitos básicos do Turismo, com o intuito de se obter dados para realização de estatísticas comparativas.

Barretto (2008), com o auxílio de outros trabalhos e pesquisas, procurou identificar a definição do Turismo, partindo do início com a primeira definição em 1911. Cunha (2010) em sua discussão trouxe muitos autores e pesquisadores, tais como Herculano (1938), Fuster (1967) e

²⁵ **Sociedade das Nações (SDN)** - organização criada em 1919 pelo tratado de Versalhes, sendo dissolvida em 1942 e reformulada naquilo que hoje conhecemos como ONU. Diferentemente da ONU, a SDN não possuía um corpo militar, hoje conhecida como “Força de Paz”. **União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens (IUOTO)** - criada no Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico, realizado em 1925, sendo transformada em um órgão intergovernamental da ONU, se tornando a OMT.

Tribe (1997), que procuraram definir o Turismo não só com a preocupação de elaborar estatísticas, mas na tentativa de identificar uma atividade complexa que surgia vindo a se transformar em uma das maiores atividades econômicas mundiais (CUNHA, 2010).

Inicialmente são os filósofos – Montaigne (1581), Locke (1679) ou Francis Bacon (1612) – que evidenciam os aspectos educativos e instrutivos das viagens e, bastante mais tarde são os escritores que dão conta dos seus efeitos económicos. É o caso do francês Stendhal (1830), considerado o introdutor da palavra “touriste”, ou do português Alexandre Herculano (1938) que, quase em simultâneo, evidenciam os ganhos que os países obtêm pelas visitas de estrangeiros para desfrutar das paisagens (o primeiro) ou dos monumentos (o segundo). (CUNHA, 2010, p.2)

De acordo com Cunha (2010, p.3) “o Turismo é uma atividade humana, fonte geradora de efeitos múltiplos que se formam de forma lenta e gradual” sendo, a partir do século XIX e XX, o aparecimento de suas primeiras definições. Entretanto, é a partir do nascimento do Turismo Moderno, após a 2ª Guerra Mundial que fica claro a necessidade da sua definição. Em primeiro lugar, pelo ponto de vista técnico, estatístico, e posteriormente, sob o ponto de vista conceitual para balizar seu âmbito e compreender seu funcionamento e estrutura.

Do ponto de vista técnico há um longo caminho percorrido, em regra sob os auspícios da ONU, mas é duvidoso que as definições oficialmente em vigor, e que servem de orientação às organizações governamentais, possam ser duradouras pelas ambiguidades que contêm. Do ponto de vista conceptual algumas dão primazia aos aspectos económicos, outras aos sociais e culturais, 3 outras aos antropológicos e outras ainda aos geográficos mas “o turismo pode ser entendido para envolver uma larga área de fenómenos” (TRIBE, 1997 *apud* CUNHA, 2010, p.2-3)

Para Barretto (2006, p.9) a primeira definição de Turismo teria surgido em 1911, definida pelo economista Austríaco Schrattenhofen, segundo o qual o Turismo é “o conjunto de todos os processos, a principio de ordem econômica, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista em um determinado município, país ou estado”.

Entretanto, esse conceito só abrange os visitantes estrangeiros, que segundo a época eram os únicos considerados como turistas. Porém identifica o aparecimento de novos fenômenos, relacionados à produção de transportes e as relações sociais, destacando a dependência entre eles (CUNHA, 2010).

No mesmo ano Picard definiu a indústria do Turismo como sendo “o conjunto dos seus órgãos e funcionamento”, dando ênfase principalmente a renda gasta por esses visitantes, enxergando assim os efeitos diretos e indiretos provocados pelo Turismo.

Porém, nenhuma das definições descritas até meados dos anos 1930 levou em conta a remuneração gerada por esses deslocamentos, que até então não era pertinente ao conceito. Todavia, em 1995, segundo Mc Intosh et al. (1995) *apud* Cunha (2010, p.12), o Turismo passou ter a seguinte definição “é a soma dos fenômenos e relações resultantes da interação entre os turistas, os fornecedores de negócios, os governos e as comunidades locais”.

Contudo esse conceito recebeu duras críticas, segundo Cunha (2010, p.12) ele poderia ser aperfeiçoado, neste sentido a definição foi substituída por “a soma de fenômenos e relações resultantes da interação entre as regiões emissoras e receptoras, entre os turistas, os fornecedores de negócios, governos, comunidades e ambientes”.

[...] esta definição revela as dimensões chave do turismo: as relacionadas com os turistas (motivações, escolha, satisfação, interação); as que se relacionam com os negócios (incluindo Marketing, organização e planeamento das empresas de transporte, hospitalidade e recreio); as relacionadas com a comunidade anfitriã (incluindo percepções, impactos económicos, sociais e culturais); as que se relacionam com o ambiente anfitrião (incluindo os impactos ecológicos); as relacionadas com os governos anfitriões (incluindo medidas do turismo, políticas e planeamento); as relacionadas com os países emissores (incluindo efeitos económicos, ambientais e culturais) (CUNHA, 2010, p.12).

Além destes, diversos outros conceitos foram discutidos ao longo do século XX pelo autor Go (1998), porém a intenção é identificar conceitos análogos que contribuíram para o entendimento do conceito do Turismo utilizado nos dias atuais. Para Jafari (1981) o “turismo é o estudo do homem longe de seu habitat usual, da indústria que responde as suas necessidades e dos impactos que ambos ele e a indústria têm no meio ambiente sociocultural, econômico e físico da localidade receptora.” (JAFARI, 1981, p.13-34).

A Organização Mundial de Turismo - OMT define o turismo como o conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos a seu entorno habitual por um período de tempo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado (IBGE, 2008).

Do ponto de vista econômico, pode se definir o turismo como o conjunto de relações e fenômenos econômicos, sociais e culturais, isto é, toda atividade que provoque o deslocamento e que resulte em gasto de renda, cujo principal objetivo é a satisfação e serviços que são oferecidos

por meio de uma atividade, em geral mediante a uma tarifa que cujo objetivo final é obter uma rentabilidade (NODARI, 2007, *apud* GUIMARÃES & ZAVALA, 2009, p.20).

O Turismo tratando-se de um setor da economia tem sua Oferta e Demanda. Segundo a (OMT, 2001) a Oferta Turística é "o conjunto de produtos turísticos e serviços postos a disposição do usuário turístico num determinado destino, para seu desfrute e consumo" (PORTAL EDUCAÇÃO,2018)²⁶. Já a Demanda Turística, segundo Lage e Milione (2001, p.56) é definida "como a quantidade de bens e serviços turísticos que os indivíduos desejam e são capazes de consumir a dado preço, em um determinado tempo". Dessa forma, pelo lado da demanda o futuro da atividade turística está ligado diretamente à qualidade dos seguintes elementos: inovação, desempenho e qualidade (LAGE, MILIONE, 2001).

Como qualquer outra atividade econômica, o turismo pode exercer uma influência positiva, reduzindo as desigualdades sociais locais. Contudo, pode ocorrer concentração da renda e agravar as disparidades sociais do município. Dessa forma, é necessária à participação da comunidade local (moradores, artesãos, trabalhadores do setor), assim como do setor privado (Hotéis, Restaurantes, Agencias turísticas) na formulação das políticas públicas junto ao Estado, seja no âmbito Federal, Estadual e Municipal (GUIMARÃES & ZAVALA, 2009).

Segundo Charon (2001), que entende o ser humano como um ser que necessita de socialização, através de experiências que podem ser adquiridas por meio do convívio, através de viagens, cultura, história e a troca de informação. Por isso o turismo é uma atividade que permite à sociedade essa interação, na forma de geração e oportunidades de emprego, troca de experiências e em especial troca de culturas.

Para Lanquar (1985) *apud* Xavier (2006) partindo do pressuposto discutido por Charon (2001) o turismo é um fenômeno social e coletivo, dessa forma podendo influenciar de forma positiva, através da geração de emprego e renda ou negativamente através da degradação ao patrimônio e ao meio ambiente.

[...] o fenômeno turístico deve ser analisado como um fator de mudança social, definida, por sua vez, como um fenômeno coletivo que afeta as condições e os modos de vida ou o universo mental dos envolvidos e que pode modificar o aspecto global da sociedade (XAVIER, 2006, p.2).

²⁶ Portal Educação - <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/oferta-turistica/34054>

Apesar da importância do turismo, a falta de políticas, estudos, incentivos e um planejamento adequado pode se tornar um entrave e muitas vezes um problema para o seu potencial desenvolvimento, gerando assim consequências. Segundo Xavier (2006) na falta de planejamento a atividade turística pode provocar impactos negativos, acentuando os problemas sociais.

falta de planejamento a população fica cada vez mais exposta à problemas sociais, causados muitas vezes pela própria atividade turística como, baixos salários, destruição de recursos naturais e culturais, e resultados negativos do desvio de investimentos (XAVIER, 2006, p.4).

Diversos são os motivos pela baixa produção de estudos relacionados a Economia do Turismo, primeiro, o fato do turismo de massa ser relativamente recente, pós-segunda Guerra mundial, segundo, pela diferente importância de acordo com a região/ cidade, ou ainda por pelo turismo ser tratado como lazer e descanso (BARBOSA, 2004).

Segundo Barretto (2006), apesar do turismo ser uma relação entre pessoas, portanto uma atividade social, somente há 40 anos, alguns cientistas sociais procuraram abordar o tema com prestígio acadêmico. Desse modo, para Xavier (2006) o lado social tem sido esquecido, tendo foco apenas o lado econômico. Com isso, o Turismo não apresenta apenas um enorme desafio econômico, sendo essa fonte geradora de renda e de desenvolvimento local, mas também exerce impactos sociais, culturais, ambientais nas regiões receptoras.

A necessidade de agregar mudanças econômicas tem levado o Turismo, principalmente o Turismo Cultural, a ser um importante agente do desenvolvimento local. Políticas de desenvolvimento do Turismo e Cultura são vista como encorajador da exploração do legado de uma área histórica, atraindo assim visitantes nacionais e internacionais. Podendo esse desenvolvimento ser uma reestruturação da base da economia local, sobretudo na geração de empregos (HENRIQUES, 2003).

Por ter um efeito multiplicador, é necessário conhecer os impactos econômicos oriundos dessa atividade, uma vez que os turistas gastam seu dinheiro em uma gama de produtos e serviços. Dinheiro que é visto como uma injeção de recursos, através de um aumento de demanda na economia local, que não seria possível sem essa atividade (BARBOSA, 2002).

Desta maneira, ressalta-se que a primeira definição oficial de “turista” surgiu em 1937, no pensamento da Sociedade das Nações (SDN) para auxiliar o estabelecimento de comparações estatísticas internacionais. Com isto “turista” passou a aplicar-se a todas as pessoas viajando por

uma duração de 24 horas ou mais em um país diferente daquele em que reside (CUNHA, 2010, p.4).

Em 1994, a Convenção das Nações Unidas, a fim de facilitar as atividades alfandegárias em prol do Turismo, deu uma definição diferente da anterior, considerando o “turista”:

[...] toda a pessoa (...) que entra num estado contratante diferente daquele onde reside habitualmente e aí permaneça pelo menos 24 horas e não mais de 6 meses, desde que a sua viagem seja devida a um motivo legítimo diferente da imigração tal como turismo, diversão, desporto, saúde, razões familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios (CUNHA, 2010 p.4).

Contudo, foi ainda por volta de 1953 que a Comissão de Estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), que substituiu a SDN, acrescentou o termo “visitante” ficando com a seguinte definição: “não residente tendo a intenção de permanecer no país durante um ano no máximo, sem aí exercer uma profissão remunerada”.

Em 1963, a Conferência das Nações Unidas sobre o Turismo e Viagens Internacionais, realizada na cidade de Roma, integrou o termo visitante, este termo “designa toda a pessoa que se desloca a um país diferente daquele onde tem a sua residência habitual, por qualquer razão que não seja a de aí exercer uma profissão remunerada” (CUNHA, 2010, p.5).

Esta definição passou a ser aceita pela Comissão das Nações Unidas em 1968. Todavia, a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED), emitiu uma série de diretrizes para o estabelecimento das estatísticas do Turismo que foram publicadas em 1971. A partir daí passaram a serem utilizadas as definições recomendadas pela (IUOTO), onde o termo *visitante* manteve o significado atribuído em 1963 com as seguintes subdivisões:

“turistas” - os visitantes que permanecem mais de 24 horas ou os que passam pelo menos uma noite em um estabelecimento de alojamento no país visitado e cujos motivos da viagem possam ser agrupados em:

- i) Lazer (diversões, férias, saúde, estudos, religião, desportos)
- ii) Negócios, família, missão reunião.

Sendo o “*excursionista*” ou “*visitante do dia*”, aquele que permanece por menos de 24 horas no país visitando sem passar sequer uma noite em um estabelecimento de alojamento. Levando em conta que estas definições faziam referência apenas ao Turismo Internacional, em 1983, a Organização Mundial do Turismo (OMT), que passou a substituir a então extinta IUOTO,

integrou à definição do Turismo “*os visitantes nacionais*”, isto é o Turismo Doméstico (CUNHA, 2010).

Finalmente, em 1993 a Comissão de Estatística da ONU oficializou a definição que passou a vigorar até então, onde o termo “*visitante*” passou a ser o conceito básico de todo o sistema estatístico do Turismo. Passando a ter os seguintes conceitos:

- i) *Visitante* é qualquer pessoa que viaja para um local que não seja do seu ambiente habitual por menos de 12 meses e cujo principal propósito da viagem é outro que não o de exercer uma atividade remunerada no local visitado;
- ii) *Turistas* são visitantes cuja estada é pelo menos de uma noite num alojamento coletivo ou privado no local visitado;
- iii) *Visitantes do dia* são visitantes que não passam uma noite num alojamento coletivo ou privado no local visitado. (ONU, 1994 *apud* CUNHA, 2010, p.6)

Esta última definição culmina um longo período de 56 anos de evolução do conceito de turista e determina uma realidade econômica e social com contornos e amplitude muito diferentes daquela a que conduziu o conceito inicial. Pela alteração do conceito, o turismo passou a abranger profissões, empresas e atividades que anteriormente lhe escapavam e procura corresponder “às mudanças na natureza e significado do turismo no mundo e ao seu potencial para o crescimento futuro (ONU, 1994, pp. 4 *apud* CUNHA, 2010, p.6).

Os objetivos e motivações por trás dos projetos de desenvolvimento do Turismo podem ter diversas naturezas: econômicos, sociais e ambientais. Todavia, se não for realizado de forma sustentável pode acarretar problemas e prejuízos locais. Dessa forma, o setor público tem um papel chave no desenvolvimento do Turismo, sendo ele o responsável por providenciar e gerir os espaços públicos, construir e manter as principais atrações e estabelecer apoios e subsídios necessários para uma melhor implantação de parceria com o setor privado. Sendo o sucesso dessas políticas, tanto implícitas como explícitas, resultado de planejamentos e gestões apropriadas para cada situação.

Sendo assim o Turismo é uma importante força econômica mundial, assim sendo importante um planejamento adequado para que o Turismo contribua de forma positiva. Tanto na área econômica através do consumo, geração de renda e na criação de mercados e emprego, como também na área sociocultural, contribuindo para a redução da desigualdade e na formação de uma

cultura local forte. Muitos estudos destacam a importância do turismo como agente do desenvolvimento econômico.

O turismo pode ser considerado uma atividade transformadora do espaço, uma que necessita da existência de uma organização dentro do setor que promove as viagens e beneficia os locais receptores, pelos meios que utiliza e pelos resultados que produz. A atividade aproveita os bens da natureza sem consumi-los, nem esgota-los; emprega uma grande quantidade de mão de obra, exige investimento de enormes somas de dinheiro; gera rendas individuais e empresariais; proporciona o ingresso de divisas na balança de pagamentos; origina receitas para os cofres públicos; produz múltiplos efeitos na economia do país, valoriza imóveis e impulsiona a construção civil (BARBOSA, 2004, p.108).

Com base nisso (Guimarães, Zavala, 2009), buscaram em seu estudo analisar o Turismo como um agente do desenvolvimento econômico local na região de Nobres, no estado do Mato Grosso. A região dos Nobres é conhecida por suas diversas grutas, cavernas, cachoeiras e pelos seus rios transparentes, fazendo do local um destino turístico para aqueles que buscam o ecoturismo. O estudo foi realizado através de amostragem de componentes da oferta turística local, com o intuito de se obter respostas sobre a utilização dessa atividade, assim como verificar a relação das diretrizes com o desenvolvimento sustentável e por fim mostrar os pontos potenciais de mudanças, apontando assim propostas de ações para o Turismo em Nobre- MT.

Apesar da gama de atrativos naturais e a grande possibilidade do desenvolvimento econômico local através do Turismo, ele é praticado de forma ‘Amadora’, sem um planejamento adequado no que tange a demanda e principalmente com relação ao desenvolvimento sustentável para a região (GUIMARÃES & ZAVALA, 2009).

Para que haja um desenvolvimento sustentável do Turismo, é necessário que os agentes que se relacionam nessa atividade: Turistas, Comunidade Local, Estado e Setor Privado, se articulem de forma a minimizar os efeitos negativos (sociais e ambientais) e maximizar os efeitos positivos, em especial econômicos.

É aceito que o turismo como atividade econômica tem impactos em diversos domínios: econômico, social, cultural e ambiental. E esses podem ter uma implicância positiva ou negativa sobre esses domínios dependendo da responsabilidade de utilização da atividade. Principalmente quando se leva em conta o efeito multiplicador do turismo (GUIMARÃES, ZAVALA, 2009, p.42).

Sabendo a importância do local para o desenvolvimento, Barbosa et al (2009), expõe uma análise do desenvolvimento regional de uma perspectiva endógena, dando ênfase aos fatores internos capazes de transformar um impulso externo de crescimento econômico em desenvolvimento para a comunidade local (BARBOSA et al, 2009).

Beni (2014) em seu estudo “Análise Estrutural do Turismo”, assim como Cunha (2010), busca apresentar as definições econômicas do Turismo, desde o início com Schullern (1910) até a definição usada nos dias atuais, além disso busca analisar a estrutura do turismo brasileiro, definindo-o como um sistema, que apresenta características próprias, indo desde a produção até o consumo. Criando um fluxograma que passou a ser utilizado pelos estudiosos do turismo (BENI, 2014)²⁷.

5.2 Ministério do Turismo e Políticas Públicas

A trajetória do Turismo e a implementação de políticas públicas é relativamente recente, tendo início em meados dos anos 1950, sendo consolidada com o passar dos anos, através de aprimoramento e desenvolvimento, fortalecendo-se nos dias atuais (PROVINCIALI, 1998).

O processo de crescimento da economia, associado com o crescimento urbano, possibilitado pelo desenvolvimento e criação de indústrias através do processo de substituição de importações, adotado pelo Brasil nos anos 1930, permitiu o avanço do turismo como uma forma de lazer, se tornando assim um gerador de renda e emprego (CAVALCANTI et al, 2002).

Nesse período do entre guerras, o mundo desenvolvido se beneficiava das vantagens do automóvel, das férias remuneradas, o que permitiu que as classes trabalhadoras começassem a viajar. (CAVALCANTI et al, 2002, p.55)

Dessa forma, a união desses fatores permitiu um avanço lento e gradual do Turismo no Brasil, em especial para a região do Rio de Janeiro, que até então era o principal centro cultural do país, com diversas atrações turísticas, indo desde os casinos, monumentos e museus, até as suas belíssimas praias (CAVALCANTI et al, 2002).

Apesar do governo não sinalizar muita preocupação com a elaboração de políticas públicas, houveram ações isoladas com o intuito de normatizar esse setor e regular os agentes dessa atividade. Os principais foram: o Decreto nº 3.616 de 23/03/32, que fixou a temporada de turismo no Distrito Federal; a Lei nº 25 de 30/11/37²⁸, que definiu proteção aos monumentos nacionais de interesses históricos culturais e artísticos; e o Decreto nº 2.240 de 23/07/40, que regulou as atividades das agências de viagens e turismo (FERRAZ, 1990).

²⁷ ANÁLISE ESTRUTURAL DO TURISMO – 10ª edição atualizada - Mário Carlos Beni

²⁸ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm - acessado em 02/12/2018 20:48

De acordo com Provinciali (1998), devido à falta de uma infraestrutura aérea e rodoviária, o principal meio de transporte utilizado para o turismo era o marítimo. O que dificultava e limitava o deslocamento de pelo país, sendo uma barreira para o desenvolvimento e o crescimento do turismo.

A década de 1950 foi o período de maior desenvolvimento do Brasil, isso se deveu à política desenvolvimentista aplicada pelo governo através do Plano de Metas 1956-1961- programa apoiado pelos investimentos públicos e privados nas áreas de infraestrutura, indústria primária e de bens de consumo duráveis, além da construção de Brasília, juntamente com a expansão da malha rodoviária. A partir daí o Turismo começa a tomar forma no Brasil (CAVALCANTI et al, 2002).

[...] o turismo começou, efetivamente, a surgir com os primeiros sinais de uma ação mais ampla e sistemática. A intervenção estatal se fez sentir tanto na criação de órgãos e instituições normativas e executivas, quanto na produção do espaço (CAVALCANTI et al, 2002, p.56).

Segundo Cavalcanti (2002), no ano de 1953, as prefeituras de Belo Horizonte, Recife e Salvador criaram seus órgãos municipais de Turismo e em 1958, através do Decreto nº 44.863 de 21/11/1958²⁹ foi criada a Comissão Brasileira do Turismo (Combratur), que tinha como finalidade coordenar, planejar e fiscalizar a execução de políticas nacionais de Turismo, com o objetivo de promover o desenvolvimento e o crescimento dessa atividade, tanto nacional como internacional. Esse foi o primeiro passo do governo na implantação de um órgão responsável pelo planejamento do turismo. É o início de uma nova era para o turismo (BRASIL, 1958).

No ano de 1961, através da Lei nº 4.408, foi criada a Divisão do Turismo e Certames em conjunto com a reorganização do Ministério da Indústria e do Comércio, sendo revogado pela Lei nº 8.181 de 1991³⁰. Posteriormente, em 1962, a Combratur foi extinta pelo Decreto-lei 572 de 02/2/1962³¹ (FERRAZ, 1990).

Nota-se que nesse período o Estado não criou uma política pública nacional para o desenvolvimento dessa atividade, houve apenas tentativas para a criação de órgãos fiscalizadores dos agentes do turismo, em especial as agências de viagens. Não se buscou a implementação de

²⁹ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-44863-21-novembro-1958-383896-publicacaooriginal-1-pe.html> - acessado em 02/12/2018 20:58

³⁰ http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0055.htm - acessado em 02/12/2018

³¹ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decmin/1960-1969/decretodoconselhodeministros-572-5-fevereiro-1962-355690-publicacaooriginal-1-pe.html> - acessado em 02/12/2018

políticas e incentivos para o desenvolvimento e melhoria da infraestrutura (transportes, hospedagem, alimentação, etc.) ligada a esse setor.

Passados esse período o Brasil vivia um momento de grandes transformações, sofrendo os reflexos do período JK, o que evidenciou uma grande disparidade de desenvolvimento regional. Com o golpe de 1964, as relações entre o Estado e a sociedade passaram por profundas mudanças (CAVALCANTI et al, 2002).

Após o golpe e sob comando militar o país passou por grandes transformações, foram criadas indústrias automobilísticas e de construção civil, além de maciços investimentos em infraestrutura, período que ficou conhecido como o “milagre econômico. Permitido assim ao Estado a implementação de políticas públicas. Com a criação e ampliação das rodovias, o Estado passou a ver o turismo com outros olhos, demonstrando uma maior preocupação com o desenvolvimento dessa atividade, exercendo assim um controle maior. Prova disso foi o Decreto nº 56.303 de 20/05/1965³², que determinou a obrigatoriedade de registro na Divisão de Turismo e Certames do Ministério da Indústria e Comércio para o funcionamento das agências de viagens e turismo, e o Decreto nº 59.193³³ de 08/9/1966 que alterarão as regras sobre os serviços das agências de viagens (FERRAZ, 1990).

De acordo com Cavalcanti (2002) o marco da política do turismo no Brasil foi a criação da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo e o do Conselho Nacional de Turismo (CNTUR) por meio do Decreto nº 55 de 18/11/1966³⁴, sendo extinta assim, a Divisão de Turismo e Certames³⁵. Depois disso foram criados os primeiros instrumentos de incentivo ao turismo, através de concessões e incentivos fiscais e financeiros, projetos e planos de empreendimentos, além de obras e serviços turísticos aprovados pela EMBRATUR e pelo CNTUR.

³²<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=478894&id=14236020&idBinario=15642770&mime=application/rtf> - acessado em 02/12/2018

³³ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-59193-8-setembro-1966-400017-publicacaooriginal-1-pe.html> - acessado em 02/12/2018

³⁴ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1960-1969/decreto-lei-55-18-novembro-1966-371224-publicacaooriginal-1-pe.html> - acessado em 02/12/2018

³⁵ **Art. 34.** Fica extinta a Divisão de Turismo e Certames do Departamento Nacional do Comércio, da Secretaria do Comércio, do Ministério da Indústria e do Comércio, cujo acervo, documentação e atribuições constantes do Decreto número 56.303, de 20 de maio de 1965 e Decreto número 58.483, de 23 de maio de 1966 e Decreto número 58.756, de 28 de junho de 1966, passarão ao EMBRATUR na data de sua instalação, com exceção daquelas que dizem respeito a exposições, feiras e certames.

Após a regulamentação do Decreto-Lei nº 55.66, o Decreto-Lei nº 60.224³⁶ de 16/1/1967 possibilitou a aplicação de políticas públicas no setor, indicando responsabilidades aos órgãos Federais, Estaduais, Municipais e ao Setor Privado. A implementação dessas políticas possibilitaram ao turismo crescer no território nacional. O Turismo passou a ser tratado como uma indústria, recebendo incentivos que até então eram destinados para a atividade industrial (BRASIL, 1967).

O turismo, mais do que qualquer outra atividade, beneficiou-se dos investimentos em infraestrutura, urbana – saneamento básico, sistema viário, segurança e principalmente lazer; e modernização – comunicação, equipamentos públicos, ocorridas no Brasil no período militar. Os investimentos em mobilidade como construção de rodovias, rodoviárias, tiveram fundamental importância para o turismo, uma vez que o Turismo ocorre por meio do deslocamento e estadia. Dessa forma esses investimentos aumentaram a possibilidade da oferta turística, refletindo assim na demanda turística, sendo atrativo para o turista assim como para o setor privado.

O conjunto de programas de investimentos públicos empreendido pelo regime militar deve ser compreendido como uma forma de facilitar a expansão de capital no território nacional. A instituição do Plano Nacional de Habitação do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, juntamente com a criação do Banco Nacional de Habitação, em 1964, do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo, em 1966, respondia a essa necessidade. (CAVALCANTI et al, 2002, p.59)

No ano de 1971, os órgãos Federais ampliaram os benefícios do Decreto-Lei nº 55/66, criando o Fundo Geral do Turismo (Fungetur), por meio do Decreto-Lei nº 1.191³⁷ de 27/10/1971, que tinha como objetivo fomentar e providenciar recursos para os financiamentos de empreendimentos, obras e serviços destinados aos interesses turísticos. Em 1973 o Decreto-Lei nº 71.791³⁸ estabelece regiões prioritárias para o desenvolvimento do turismo (FERRAZ, 1990).

Para Cavalcanti (2002), essas políticas serviram para aumentar a expansão do capital pelo território nacional, no entanto, aumentaram as desigualdades em decorrência da concentração populacional e das atividades indústrias, principalmente na região sudeste.

³⁶<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60224-16-fevereiro-1967-400926-publicacaooriginal-1-pe.html> – acessado em 02/12/2018

³⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-lei/1965-1988/De11191.htm

³⁸<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-71791-31-janeiro-1973-421651-publicacaooriginal-1-pe.html>

É oportuno ressaltar que esse empenho, na maioria das vezes, agravou mais do que resolveu o problema para o qual foi criado, a ação do Estado aprofundou ainda mais as desigualdades regionais, decorrentes da concentração da população, das atividades econômicas e, conseqüentemente, dos equipamentos públicos que correspondem à manifestação espacial do processo de diferenciação gerado pelo modelo concentrador e excludente adotado no Brasil pelo regime militar (CAVALCANTIL et al, 2002, p.59).

Em 1973, o crescimento econômico apresentado pelo Brasil na fase do milagre econômico se tornou problema, pois a maioria da população não foi beneficiada por esse crescimento. Em decorrência disso, a qualidade de vida da população decaiu, aumentando assim as tensões sociais. Para evitar o aumento dessas tensões o governo Geisel procurou encontrar caminhos diferentes dos até então trilhados, cujo objetivo era uma transição progressiva e ajustada. Devido a isso, as relações entre o Estado/sociedade passaram por um processo de reformulação. Desse modo, a prioridade do governo se direcionou em duas frentes: uma estratégia favorecendo a adoção de políticas voltadas para a desconcentração de renda e outra relacionada a mudanças no padrão de acumulação de capital, que até então se direcionava para o setor de bens de produção. Isso foi uma resposta aos interesses de setores que foram afetados negativamente durante o regime autoritário. Todas essas questões foram englobadas ao II PND – Plano Nacional de Desenvolvimento, com ele o Brasil formulou uma política específica de desenvolvimento urbano, tendo sua principal preocupação a ocupação da região costeira (FERRAZ, 1990).

A partir daí o governo brasileiro passou a dar mais importância ao turismo, incluindo-o de forma ampla e sistemática na sua agenda de políticas públicas. Prova disso são os surgimentos de vários projetos urbanos de ocupação da região costeira: o Projeto Turis – desenvolvimento turístico do litoral Santos-Rio em 1975, que foram baseadas em experiências praticadas no litoral da França; o plano diretor da orla marítima – Porto Seguro, Santa Cruz do Cabralia, Porto da Barra e Açu da Torre; além do Plano de Turismo do Recôncavo – ambos na Bahia (BARTHOLO, 2005).

O II PND formulou uma política direcionada ao desenvolvimento urbano em nível nacional. Tratamento que foi essencial para reduzir as tensões, reduzindo assim a pobreza, foram implementados mecanismos e diretrizes com o intuito de estimular políticas públicas setoriais e regionais. Por conseguinte, o turismo começa a apresentar sinais de uma ação planejada e com uma capacidade espacial maior, abrangendo todo o país (CAVALCANTI et al, 2002).

No ano de 1977, as Leis nº 6.505³⁹ e nº 6.513⁴⁰ de interesse da EMBRATUR foram sancionadas. A primeira alinha sobre as atividades e os serviços turísticos, estabelecendo assim condições de fiscalização e funcionamento. A segunda cuida da criação de áreas especiais e locais de interesse turístico além do inventário de bens de valor cultural e natural com finalidade turística (FERRAZ, 1992).

Também é neste ano que ocorre a publicação da Política Nacional de Turismo, apresentada na II Reunião do Sistema Nacional de Turismo, se passado onze anos da criação da EMBRATUR. Com o documento estabelecendo as seguintes políticas: proteção ao patrimônio natural, divulgação e promoção dos valores culturais, incentivos ao turismo doméstico – por meio da construção de hospedagens e redução dos custos nas viagens internas, estímulo ao turismo internacional, promoção turística, recursos humanos, apoio a entrada de divisas, apoio a hotelaria e apoio as agências de viagens (BARRETO, 2001 *apud* CAVALCANTI, 2002).

Em 1979, seguindo as orientações do II PND de descentralização das atividades econômicas, a EMBRATUR apresenta a ideia de “portões de entrada” na região de Manaus, Recife, Fortaleza, Belém e Salvador, estimulando pacotes para o Norte e Nordeste do país criando também Pró-Estâncias para a classe média. Até o surgimento da Nova República, a EMBRATUR tinha total controle sobre as atividades turísticas. A legislação existente concedia ao Órgão poder sobre todos os agentes econômicos do setor, indo desde os meios de hospedagens, as agências e transportadoras turísticas, restaurantes turísticos, acampamentos turísticos e empresas do setor, obtendo assim o controle da expansão do turismo em todo o território nacional, a EMBRATUR legislava e executava no mesmo momento. (FERRAZ, 1992)

Conforme Becker (1995), a EMBRATUR foi responsável por um notável crescimento do Turismo no Brasil. De 16.313 aposentos, em 1967, o país passou a ter 120 mil aposentos. No mesmo momento, o número de hotéis classificados saltou de 164 para 1.980. Vale destacar que entre 1967 a 1987, 70% dos hotéis foram construídos por meio de incentivos fiscais e financeiros.

Apesar do ideal reformista do II PND entre outras políticas governamentais que visavam uma maior distribuição da renda e redução da desigualdade, estas não foram bem sucedidas. Pelo contrário, evidenciou novos interesses econômicos e funcionais ao processo de acumulação, favorecendo assim a concentração de atividades e serviços turísticos nos grandes centros urbanos,

³⁹ A Lei 6.505 foi revogada pela Lei nº 11.711 de 2008 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6505.htm

⁴⁰ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6513.htm

destacando o Rio de Janeiro e São Paulo, onde se concentravam as grandes operadoras. A região sudeste, em 1980, movimentou aproximadamente 80% do mercado interno de viagens (CAVALCANTI et al, 2002).

No final na década de 1970, devido a crise do Petróleo, a economia apresentou sinais de fragilidades, gerando ainda mais concentração de renda, agravando o desequilíbrio no balanço de pagamentos, elevando a dívida externa, devido a dependência de capital externo, tendo como resultado elevada inflação e conflitos trabalhistas. Diante desse cenário o governo passa a administrar a crise e o regime militar perde sua legitimidade (ABREU et al 1990).

Após o fim do regime militar e por meio da redemocratização brasileira, o primeiro presidente foi eleito por meio do voto popular depois de vinte e um anos de ditadura. Dessa forma a EMBRATUR, em 1982, homologou convênios de implementação de terminais de turismo social assinando um acordo com o Ministério do Trabalho com o objetivo de estimular os sindicatos a organizarem viagens turísticas na época de baixa temporada. Procurou também, em 1983, criar outra imagem do Brasil no exterior, atraindo assim um público com maior poder de compra. Fez isso através da implantação da tarifa ponto-a-ponto, que incluía onze cidades europeias com desconto de 40% nas tarifas. São Paulo, seguindo essa linha, instituiu o “passaporte turístico” para estrangeiros, que dava descontos em lojas e assistência médica (PROVINCIALI, 1998).

Apesar de todas essas políticas destinadas ao desenvolvimento do turismo, segundo Cavalcanti (2002), a qualificação profissional nunca apareceu nas prioridades dos órgãos responsáveis pelo turismo. Vindo a se modificar em 1984, por orientação do presidente, tornando o treinamento de mão-de-obra uma preocupação. O setor de turismo embora não priorizado pelo governo apresentou uma tímida expansão em 1985. O aumento da classe média e a rápida integração aos novos padrões de consumo contribuíram para alavancar a indústria do turismo, fazendo surgir novos produtos turísticos a partir de projetos urbanos costeiros, somente possíveis graças à formulação de políticas públicas que beneficiaram o setor.

No entanto assim como todas as atividades o turismo apresentou as mesmas consequências do modelo econômico brasileiro: concentração empresarial e espacial das atividades turísticas na região sudeste, deixando as demais regiões em segundo plano, à espera de mudanças na divisão do trabalho entre as regiões, que viria a acontecer apenas no final da década de 1980. Coincidência ou não, as grandes empresas foram as mais beneficiadas com as políticas

implementadas no setor turístico, por meio dos investimentos públicos em infraestrutura e em equipamentos de consumo coletivo (PROVINCIALI, 1998).

Em estudo realizado em 1985, apresentado por BARRETO (1991), observou-se que a política voltada para os hotéis entre 1980 até 1983, favoreceram os hotéis quatro estrelas, crescendo cerca de 63%, enquanto os inferiores se mantiveram em torno de 30%, quando o intuito era beneficiar as pequenas empresas. Outro dado que vale ressaltar é a área de destinação dos recursos do Fungetur, no mesmo período: foram destinados 63% aos centros de convenções, 10% a rede hoteleira e 10% ao turismo social (CAVALCANTI, 2002 *apud* BARRETTO, 1991).

Nos primeiros anos da Nova República, o governo se deparou com diversos problemas herdados do período militar, sendo necessário a implementação de uma agenda política complexa, a fim de minimizar os efeitos da crise econômica brasileira. Sendo o turismo afetado por ela.

5.3 Período Recente – Anos 90⁴¹

No início, nos anos 90, o foco era o desenvolvimento do Turismo nos municípios, através da criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), sendo esse programa o embrião de uma futura política nacional. A ideia central do programa era fortalecer os municípios que fossem classificados como “turísticos” ou com possível “potencial turístico”, essa classificação foi obtida através do Relatório de informações turísticas o (RINTUR). (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010)

As estratégias do PNMT tinham como pilares três diretrizes: a) sensibilização da atividade turística como atividade econômica, desenvolvida com bases no pilares da sustentabilidade; b) organização dos agentes do turismo (prestadores de serviços turísticos, setor público, privado), em âmbito municipal, organizado através de um conselho municipal, legítimo e representativo; e c) construção do plano municipal de desenvolvimento do turismo (aliando demanda e oferta turística), de forma participativa e coletiva, através dos conselhos municipais do turismo. A PNMT priorizava a participação da comunidade local, despertando nos gestores públicos e nos prestadores de serviços turísticos a responsabilidade da implementação e construção de ações destinadas ao desenvolvimento turístico municipal.

⁴¹ Fonte - (AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO - ROTEIROS DO BRASIL)

O ponto chave do Turismo no Brasil, que iria levar a atividade a outro patamar, ocorreu em Janeiro de 2003, quando foi criado o Ministério do Turismo pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dando ali início a uma nova era na gestão do turismo. Isso possibilitou ao turismo entrar na cadeia de prioridades do governo, permitindo ao setor se tornar um dos principais agentes do desenvolvimento econômico e social. Quatro meses depois, foi criado o Plano Nacional do Turismo – que apresentou diretrizes, metas e programas para o período de 2003 a 2007, sendo o principal documento do atual MTur. O documento foi elaborado de forma coletiva, tendo como base em um diagnóstico das fragilidades e dos problemas apresentados pelo turismo brasileiro, apresentando contribuições em diversos eixos temáticos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Em Outubro do mesmo ano, foi apresentada a proposta do Programa de Regionalização do Turismo, que tinha como tema principal a Regionalização, que se preocupou em tratar de temas que iam desde a elaboração de critérios para a priorização da regionalização do turismo, até a propostas e diretrizes para um desenvolvimento sustentável, se tornando uma importante pilar de apoio à regionalização do turismo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Posteriormente em 2004, com o objetivo de direcionar as propostas do Programa de Regionalização do Turismo, ocorreu o lançamento do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Onde foram divulgadas diretrizes e políticas do programa, orientadas pelo PNT 2003-2007. O lançamento tornou-se ponto fundamental na política nacional do turismo: a regionalização passou do sonho para a realidade (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Dois anos depois, em Junho de 2006, foi entregue o documento referencial “Turismo no Brasil 2007-2010”, que continha um completo diagnóstico e um conjunto de informações para o desenvolvimento dessa atividade, sendo um instrumento para a revisão do Plano Nacional do Turismo. Em outubro do ano corrente ocorreu o 1º encontro nacional do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, que tinha como objetivo fortalecer a rede nacional de regionalização, além de investigar as demandas e necessidades de qualificação e estruturação dos roteiros. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010)

Em 2007, ocorreu o lançamento do Plano Nacional do Turismo 2007-2010. Com o documento, a regionalização passou a ser um macroprograma, reunindo conjuntos de programas, com ações específicas para desenvolver o turismo brasileiro (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). Em agosto do mesmo ano ocorreu à apresentação do documento - Estudo de

Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional. Documento esse que apresentava os 65 destinos turísticos no Brasil, onde para cada estado foi apresentado os principais indutores e municípios beneficiados, segundo o documento, 59 regiões turísticas e 740 municípios. Sendo Ouro Preto uma região turística – Circuito turístico do Ouro, beneficiando assim diversos municípios próximos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008).

Em 2009, ocorreu encontro nacional de competitividade turística dos 65 destinos indutores para discussões e possíveis revisões do estudo. O evento serviu para o fortalecimento da rede nacional de regionalização. Em Junho de 2010, ocorreu o lançamento do documento referencial do turismo no Brasil 2011-2014. O documento apresentou diagnósticos da atividade no país e trouxe metas para os próximos anos, tendo foco nos dois grandes eventos que seriam sediados no Brasil: a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas de 2016. O documento foi disponibilizado para o setor público assim como para o setor privado. Sendo base para a elaboração do próximo Plano Nacional do Turismo, com projeções e estimativas de crescimento. Em Julho do mesmo ano é iniciado o processo de avaliação do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Isso mostra o quão recente é o estudo e a participação do governo na atividade do Turismo. Apesar de recente, as políticas implementadas pelo governo trouxeram melhorias, sendo possível a identificação de gargalhos para um desenvolvimento ainda maior dessa atividade. Cabendo a sociedade, ao poder público em parceria com o setor privado, desenvolver e compreender essa atividade, que até então apresentou um grande potencial (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

5.4 Ouro Preto, uma Cidade Patrimônio

A palavra patrimônio é formada a partir de dois vocábulos grego-latino: “*pater*” e “*nomos*”. A palavra “*pater*” significa chefe de família, pai ou sentido mais amplo os antepassados. A palavra “*nomos*”, de origem grega está relacionada à origem, de uma família, ou até mesmo de uma cidade. Podemos definir então a palavra patrimônio como sendo, herança, legado, bens produzidos por outras gerações, que são deixados para as gerações futuras (CARNEIRO, 2009) ⁴².

⁴² WEBARTIGOS - <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>

Foi no Renascimento que de fato a palavra patrimônio passou a ser utilizada com o conceito de um legado, herança que era deixado pelos antepassados para a geração futura. É neste momento que se inicia uma preocupação com a preservação da herança cultural passada, o renascimento trouxe uma nova visão sobre o passado, valorizando e preservando os bens artísticos e históricos. Gerando na população um sentimento de veneração e culto ao passado. Essa atração pelo legado passado deu início a uma importante prática no turismo, o Grand Tour⁴³ (SALGUEIRO, 2002).

Com a Revolução Francesa, entretanto, observamos uma alteração do conceito patrimônio, uma vez que os bens materiais que até então pertenciam à nobreza e à Igreja Católica, passam a ser abrigados em museus abertos à visitação. É a partir daí que o patrimônio que até então era privado passa a ser público. Com a formação dos Estados-Nações, os museus ganharam mais forças, passando a abrigar e representar a identidade e história de uma nação. Passando a ter um papel fundamental na educação dos seus cidadãos, tornando assim os bens ali preservados símbolos políticos e históricos de uma nação. Vindo a conservação do patrimônio se tornar não só uma necessidade, mas um dever (SALGUEIRO, 2002).

Em decorrência da modernização, ocasionada pela revolução industrial, em especial pela introdução da máquina a vapor, os bens materiais ultrapassados (tear manual, moinho d'água, etc.) e o patrimônio passaram a ser zelados como um retrato do passado. Com isso, os museus e o patrimônio passaram a ser tratados como uma mostra do passado. Essa estrutura contribuiu para o crescimento do turismo, onde as pessoas procuravam comparar o passado com sua atual realidade. Durante o século XIX, os museus passaram a ser considerados partes da cultura erudita, perdendo assim sua função educativa, passando a ser frequentado, principalmente, por intelectuais e membros da elite, havendo assim um declínio no prestígio da história da humanidade. Após a Segunda Guerra esse quadro passou a se inverter com o crescimento do turismo, isso mostra a íntima relação entre turismo e patrimônio (SALGUEIRO, 2002).

Ao longo dos séculos passados e ainda hoje vemos evolução nos conceitos de patrimônio. Somente no século XX, através de diversos eventos dedicados ao assunto que houve uma elevação internacional sobre a preservação do patrimônio de forma consciente.

⁴³ **Grand tour** – Atividade que surge no século 18 em conexão com as transformações econômicas e culturais na Europa provocadas pelo iluminismo e a Revolução industrial. Eram viagens feitas pela Europa, em especial, pelo aristocratas de classe média alta com o intuito de descanso, lazer, e principalmente um passeio pelo passado. Sendo a origem histórica do turismo contemporâneo. SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. Revista Brasileira de História, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002.

Situada em um vale, sinuoso e estreito, cercado de belas montanhas e formações rochosas, o arraial que no começo foi chamado de São João foi descoberto pelos bandeirantes paulistas Antônio Dias de Oliveira e Padre João de Faria Fialho no ano de 1698, vindo a se tornar vila em 1711, passando a se chamar Vila Rica de Albuquerque, e mais tarde em 1720, a cidade de Ouro Preto que conhecemos hoje (IPHAN, 2018).

A cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, foi fundada no final do século XVII, sendo ponto central da corrida do ouro no Brasil no século XVIII. Com o fim da exploração devido à dificuldade de extração e esgotamento das minas no século XIX, o prestígio da cidade diminuiu, perdurando como legado suas belas igrejas, chafarizes e pontes, símbolos de um passado próspero e de um extraordinário talento do escultor Aleijadinho (IPHAN, 2018).

Ouro Preto é considerado uma das maiores riquezas do estado de Minas Gerais. Sendo berço de uma arquitetura Barroca marcante, representada principalmente através do artista Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, juntamente com o auxílio de escravos. Com isso a cidade se tornou cenário de manifestações culturais e históricas na época do ciclo do Ouro no Brasil (CIFELLI, 2005). Aleijadinho ficou mundialmente conhecido por seu trabalho, principalmente por meio da arte sacra e religiosa, adaptando o estilo europeu ao estilo brasileiro, em especial em Ouro Preto e Congonhas.

No século XVIII foi berço da Inconfidência Mineira, revolução que foi liderada pelo Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que tinha como objetivo a libertação do povo em relação ao domínio da coroa portuguesa além do fim das altas taxas de impostos cobradas sobre a mineração, conhecida como o Quinto. Tiradentes foi enforcado tornando-se o mártir do movimento da inconfidência, sendo um dos símbolos principais da cidade representado por meio de uma estátua numa praça que carrega o seu nome, a Praça Tiradentes (IPHAN, 2018).

O nome Vila Rica não foi dado por acaso, a extração de ouro e outros minérios proporcionou uma das maiores movimentações de riqueza e renda já vistas no Brasil, tornando Vila Rica alvo de grande parte de países da Europa, em especial Portugal e Inglaterra (UNESCO, 2018).

Com a queda brusca da exploração aurífera, e uma mudança na atividade econômica indo da mineração, para a criação de gado e plantação de café, houve uma significativa regressão na atividade econômica, sendo amenizada pela criação da Escola de Minas em 1876. Com mudança da capital para Belo Horizonte, no ano de 1897, Ouro Preto perdeu grande parte da sua

movimentação, conseguiu manter seu patrimônio longe das modernidades da urbanização, mantendo assim sua arquitetura intacta (IPHAN, 2018).

Em 1938, Ouro Preto foi tombado como Patrimônio Nacional, a fim de conservar as tradições históricas e culturais, mantendo assim sua memória dos fatos que ali ocorreram e contribuíram para sua história. Devido as suas características marcantes: Ladeiras íngremes, ruas estreitas de paralelepípedos, casarões antigos no estilo colonial, museus, igrejas e arquitetura barroca, no dia 02 de Setembro de 1980 a cidade foi contemplada pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – com o título de patrimônio Cultural da Humanidade. Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a ser agraciada com esse título, em seguida Olinda no Recife. (IPHAN, 2018)

Apesar de todas essas características, em 2003, Ouro Preto esteve perto perder o título devido a um incêndio ocorrido no antigo Hotel Pilão, casarão antigo do século XVIII situado no Centro da cidade, na Praça Tiradentes, que após o acidente foi reformado e revitalizado, sendo hoje um centro de eventos e uma livraria-café.

Outro ponto da cidade que é um atrativo a mais são os toques dos Sinos das Igrejas, que se tornou Patrimônio imaterial, atraindo pessoas do Brasil e do Mundo para ouvir o cantar dos sinos em meio a essa paisagem natural, histórica marcante. Tornando-se assim uma experiência inesquecível (UNESCO, 2018)

O Patrimônio histórico tombado da cidade é constituído de inúmeras Igrejas espalhadas pela cidade, além de diversos Museus, Pontes e Chafarizes:⁴⁴

Casa da Câmara e Cadeia de Ouro Preto – Atual Museu da Inconfidência. É uma edificação de grande porte e caráter monumental. Em suas extremidades se encontram estátuas que representam a Justiça, a Temperança a Caridade e a Fortaleza. O Museu foi criado por Getúlio Vargas, em 1936, para abrigar os restos dos heróis da Inconfidência Mineira, que até então se encontravam na África. O museu é dedicado a conservação da memória da Inconfidência Mineira, além de um rico acervo da cultura da sociedade local da época, incluindo obras de Atháide e Aleijadinho.

Casa dos Contos – Construída por João Rodrigues de Macedo e posteriormente confiscada pela coroa portuguesa, vindo a se tornar Casa dos Contos e Intendência. Entre 1820 a 1844 a casa foi

⁴⁴ IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1494/>

ampliada incorporando a Casa de Fundição do Ouro e a Casa da Moeda. Vindo a exercer a função de secretaria da Fazenda e do Tesouro Nacional.

Igreja São Francisco de Assis – Considerada por muitos especialistas, a obra-prima de Athaíde e Aleijadinho.

Igreja Matriz do Pilar – sua construção foi iniciada entre 1728 e 1730, é um dos mais importantes exemplares do barroco mineiro. Além das imagens e características marcantes, a igreja abriga o Museu da Prata. Isso fez com que A Igreja ganhasse o título de Basílica do Pilar.

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Datada em 1785, é dedicada à santa padroeira dos negros e mulatos, possui o desenho mais original de todas as igrejas barrocas.

Igreja de Nossa Senhora do Carmo – construída na terceira fase do barroco, tendo início em 1772, vindo a ser concluída em 1848.

Igreja de Santa Efigênia (Igreja de Chico Rei) – Construída em 1736 através da participação de vários artista Francisco Xavier de Brito e Manuel Gomes da Rocha, além de Aleijadinho.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias – teve a construção iniciada em 1727, tendo suas obras prolongadas até meados do século XVIII. Uma das mais antigas paróquias de Minas Gerais. Local também do Museu do Aleijadinho, onde é possível encontrar diversas obras do artista.

Capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre – O nome se deve ao Padre João de Faria. Teve sua construção iniciada no século XVIII.

Palácio dos Governantes – Atual Escola de Minas e Metalurgia da Universidade Federal de Ouro Preto. Construída no mesmo local onde funcionou a casa de fundição e moeda. O palácio serviu de morada oficial de todos os governadores de Minas Gerais, até 1898, hospedou dois imperadores do Brasil. Com a mudança da capital para Belo Horizonte, 1987 o prédio passou a abrigar a Escola de Minas, criada em 1876, pelo imperador Pedro II.

Praça Tiradentes – Datada do século XVIII, marco principal da cidade, situada entre o palácio dos governantes e a Casa de Câmara e cadeia (Museu da Inconfidência).

Chafariz da Praça Marília de Dirceu – Tem esse nome por se localizar perto da casa que Maria Doroteia Joaquina de Seixas, a Marília de Dirceu. A construção do chafariz foi uma iniciativa do senado da câmara de Ouro Preto, construído por Manuel Francisco Lisboa em 1759. O chafariz é considerado um dos mais importantes do Brasil.

Por sua história, sua riqueza cultural e patrimonial Ouro Preto apresenta um enorme potencial para o Turismo, em especial o turismo histórico e cultural. Além dessas inúmeras belezas espalhadas pela cidade, não menos importante, Ouro Preto também se destaca pelas belezas e paisagens naturais. Podemos citar as belas cachoeiras espalhadas pelos seus distritos, o Parque do Itacolomi, que apresenta uma excelente infraestrutura, com museus, restaurante, sendo excelente para o ecoturismo. O Parque Municipal Cachoeira das Andorinhas que é berço da nascente do Rio das Velhas, que está sendo revitalizado, sendo um lugar propício para trilhas em meio à natureza.

Contudo o Turismo em Ouro Preto ainda é pouco explorado, sendo a terceira atividade na geração de renda para o município. Cabe aos órgãos responsáveis, tanto o público como o setor privado, além da população local, dialogar e buscar alternativas para que essa atividade se desenvolva ainda mais no município.

6. METODOLOGIA

O processo de produção desse trabalho foi feito buscando, em primeiro lugar, compreender e conhecer as estruturas e as principais características do Turismo, e analisar sua relação com a cidade e os artesãos da Feira de Pedra de Sabão de Ouro Preto e Cachoeira do Campo. Por meio de extensa análise bibliográfica, foi possível compreender o processo de implementação da atividade turística no Brasil, assim como na região de Ouro Preto.

Para a identificação e caracterização da Atividade Turística na região, foi feita visita à Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio. Onde através de entrevista junto aos responsáveis e análise dos dados foi possível vislumbrar as características principais dessa atividade, assim como sobre as iniciativas e políticas municipais destinadas ao setor.

Dando seguimento ao desenvolvimento da pesquisa, foram aplicados 42 questionários (ANEXO 1) aos artesãos da Feira de Pedra Sabão de Ouro Preto e aos artesãos de Cachoeira do Campo, sendo 30 de artesãos de Ouro Preto e 12 artesãos de Cachoeira do Campo. Deve-se ressaltar que havia um registro do número total de artesãos, sendo que muitos que foram convidados a responder o mesmo não se dispuseram. Contudo, acredita-se que foi um número representativo e satisfatório que fornece informações gerais do perfil socioeconômico dos artesãos, e o que contribuiu para compreender sua relação com a atividade turística, além de seu ponto de vista sobre essa atividade, e sua relação com o poder público municipal e a Universidade Federal de Ouro Preto.

A parte final da pesquisa foi composta pela análise dos dados e dos resultados obtidos por meio dos questionários aplicados. Os dados foram compilados e analisados de forma quantitativa, qualitativa e descritiva, buscando identificar os possíveis gargalos dessa atividade, tendo como ponto de vista o olhar do artesão. Por fim, através da interpretação da base de dados analisados em conjunto com as discussões propostas, foi feita uma análise geral de forma a compreender o atual cenário e propor futuras considerações a estudos posteriores, além de auxiliar aos artesãos e principalmente à Prefeitura, na implementação de possíveis políticas públicas e melhorias na infraestrutura da feira de artesanato.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da coleta de dados e da aplicação de questionários realizada entre os meses de Outubro e Dezembro de 2018, foi possível compreender as principais características do turismo em Ouro Preto, assim como identificar os principais gargalos dessa atividade pelo ponto de vista do artesão. Onde sua maioria se mostrou disposto a colaborar para a construção desse trabalho. Sendo assim a seguir são apresentados as principais informações levantadas e respostas ao questionário aplicado pelos artesãos da cidade de Ouro Preto, na Feira de Pedra Sabão, bem como o distrito de Cachoeira do Campo pertencente ao município.

7.1 Turismo

Por ser Patrimônio Mundial da Humanidade, o Turismo na cidade de Ouro Preto apresentou elevado potencial. Sendo, segundo a Secretária de Turismo e Comércio, uma das principais fonte de renda para o município, responsável pela geração de empregos diretos e indiretos, além de impactar diretamente os artesãos.

Os dados relacionados a esse setor foram disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, por meio de sua Secretaria de Turismo. Segundo os dados, o turismo injetou no comércio local, no segundo trimestre de 2017 cerca de R\$ 97.294.881,61, apresentando um aumento de cerca de 97% em comparação com o mesmo período de 2016. Sendo reflexo de uma melhora da economia nacional. (SECRETÁRIA DE TURISMO E COMÉRCIO, 2017)

Com relação ao número de visitantes, no segundo trimestre de 2017, a cidade recebeu 149.319 visitantes, sendo 43.137 visitantes a mais do que o ano de 2016, representando um aumento de 40% no número de visitantes. Sendo o mês de Julho, o mês com o número maior de visitantes 57.476, cerca de 38 % do total de visitantes.

Os turistas são atraídos para a cidade por diversos motivos: lazer e descanso, ecoturismo, culinária, eventos, etc. Destacando entre os principais motivos a história cultural da cidade, o que reflete no perfil do turista que à visita.

Segundo os dados obtidos entre o segundo semestre de 2016, podemos identificar certo padrão do turista que visita Ouro Preto. Para análise de seu perfil, vamos ter como base de variáveis: o estado de origem; o motivo da visita; o meio de hospedagem na cidade, o tipo de viagem; além da idade, escolaridade e renda.

7.2 Origem do turista

Conforme levantamento de dados a respeito do local de origem dos turistas da cidade, em média, cerca de 38,25% dos visitantes eram do estado de Minas Gerais, seguido por São Paulo com 15,25 %, e por Rio de Janeiro com 14,75%, os visitantes estrangeiros representaram 5,75% do total. O estado do Espírito Santo representou cerca de 2,5%.

Diversos podem ser os motivos para o número maior de visitantes ser do Estado de Minas Gérias: primeiro, o fator proximidade, Ouro Preto está situada a cerca de 100 km da capital Belo Horizonte, o que a torna um atrativo a mais; segundo, o número de excursões escolares, pela Inconfidência Mineira ser abordada com mais destaque e ênfase nas escolas de Minas Gerais, muitos professores veem em Ouro Preto uma escola viva, através de seus monumentos, museus e ladeiras que contam a história por si só. Terceiro, a visita a parentes e amigos que aqui residem.

7.3 Motivo da Viagem

Como foi dito, diversos são as motivações para se visitar e conhecer Ouro Preto, com base nos dados, identificamos os principais motivos, a fim de encontrar e propor possíveis melhorias, tornando a cidade ainda mais atrativa.

Analisando os dados coletados no segundo semestre de 2016, na média, o principal motivo da visita à cidade é sua história e cultura, com cerca de 52,25%. Seguida por lazer/férias com cerca de 30%, e visita a parentes e amigos com 7,75%. Apesar de Ouro Preto apresentar belíssimas paisagens naturais como: o Parque do Itacolomi e o Parque Municipal das Andorinhas, além de lindas cachoeiras. O ecoturismo não se mostrou como um potencial motivo de visita. Cabendo ao Município, uma maior divulgação dos ambientes naturais, além de políticas de incentivo e ampliação do turismo nesse setor. Indo desde parcerias público-privado, a realizações de eventos nesses locais.

7.4 Meio de Hospedagem

Desses visitantes o principal meio de hospedagem escolhido foi o hotel/pousada, representando na média cerca de 46%, seguido por excursionista⁴⁵ com 39%, Albergue/hostel e casa de parentes com 6%. Com uma pequena parcela se hospedando em república. Os dados evidenciam a grande participação dos hotéis, sendo um dos setores que mais arrecadam com o turismo na cidade.

7.5 Modo da Viagem

O principal modo de viagem, segundo os dados, na média, cerca de 33,25% viajam em casais, o que evidencia o cenário romântico da cidade, através principalmente dos seus restaurantes e cenários encantadores. Seguido de perto pela viagem em família, 31%. Representando uma parcela menor, amigos com 15,75%, sozinho com 14%, e grupos de excursão com 6%. Fica evidente a escolha de Ouro Preto pelo cenário romântico e familiar. No entanto é necessário buscar atrair outros públicos, em especial os que viajam com amigos, através da realização de eventos, além do carnaval, principal atrativo para esse tipo público.

7.6 Idade do turista

Com relação à média da idade do turista que visita Ouro Preto, segundo dados do relatório, em média, mais de 27% dos turistas apresenta idade entre 31 a 40 anos. Conforme podemos observar no gráfico abaixo

⁴⁵ Se enquadra em excursionista – Pessoas que visitam a cidade e não pernoitam, excursões escolares, visitantes de passagem.

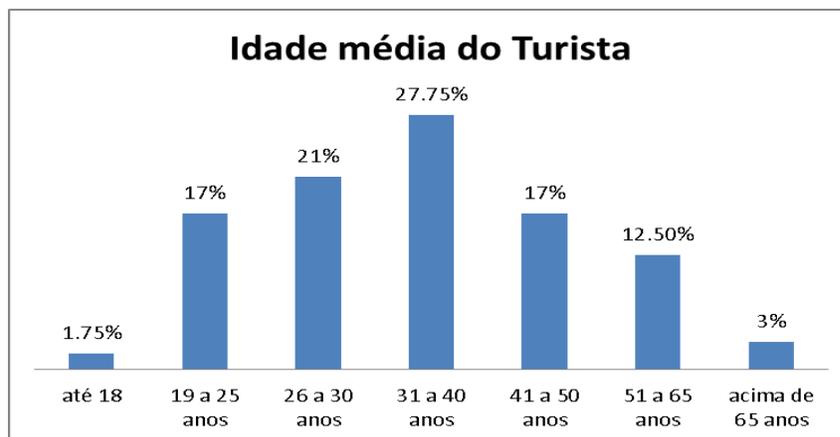


Gráfico 5 – Idade média do Turista

Fonte: Elaboração Própria, a partir dos dados da PESQUISA DE DEMANDA TURISTICA (maio/junho/julho/agosto de 2016) – Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comercio.

A maior parte dos visitantes apresenta idade entre 31 a 40 anos (27,75%), o que pode indicar um tipo de viagem relacionado mais a casal/família e meio de hospedagem, hotel/pousada. Há também um percentual elevado na faixa etária de 26 a 30 anos (21%) e na faixa etária de 19 a 25 anos (17%), o que em partes pode também estar relacionado ao fato da cidade de Ouro Preto ter um público universitário bem elevado, com repúblicas privadas e federais, além de diversos eventos e atividades recreativas, como o famoso Carnaval de Ouro Preto que traz ao município uma grande concentração de jovens de diversas localidades do Brasil.

7.7 Escolaridade

Como foi explicitado no tópico acima: Motivo da viagem, é de se esperar uma relação entre o motivo e a escolaridade do turista, dado que por uma gama de fatores: sociais, culturais e principalmente econômicos o acesso à história e a cultura no Brasil é de certa forma limitado às pessoas letradas, ou seja com maior nível de escolaridade. “A prática da atividade turística (lazer, entretenimento, viagens de curta ou longa duração, acesso a eventos culturais, etc.) ainda é vista no contexto geral como um elemento superficial, luxo.” (OLIVEIRA, 2005, p.83).

Conforme podemos observar no gráfico abaixo. Sendo necessário a implantação de políticas públicas, além da promoção de mais estudos destinados para uma maior inclusão social.

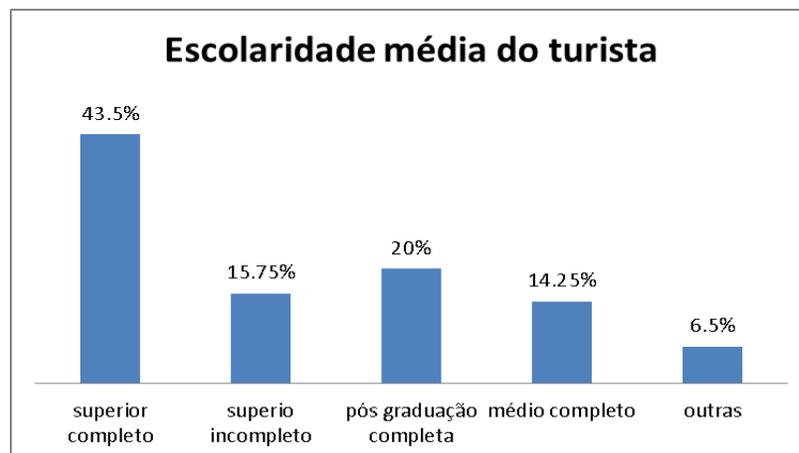


Gráfico 6 – Escolaridade Média do Turista

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PESQUISA DE DEMANDA TURISTICA (maio/junho/julho/agosto de 2016) – Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comercio.

7.8 Renda

Não obstante, há uma correlação positiva entre escolaridade e renda, dado que geralmente, quanto maior o nível de escolaridade, na média, maior tende ser a renda. Isso mostra também que o turismo não é uma forma de lazer universal, sendo necessário um estudo mais detalhado a fim de buscar universalizar o turismo, tornando possível a todos o acesso à história e cultura, não só em Ouro Preto, mas em todo o território nacional.

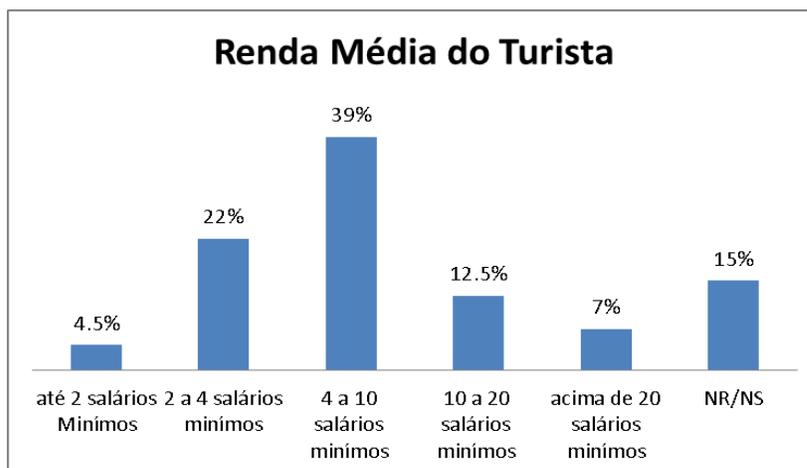


Gráfico 7 – Renda média do Turista

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PESQUISA DE DEMANDA TURISTICA (maio/junho/julho/agosto de 2016) – Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comercio

Com base na análise dos dados contidos no relatório, é possível mapear o perfil do turista que visita Ouro Preto, além da característica do Turismo na cidade. Onde, em média, 33% dos turistas viajam em casal. Tendo esse turista em sua maioria, 43% o ensino superior completo, com sua renda variando entre 4 a 10 salários mínimos, 39 %. Sendo o principal motivo da viagem a história e a cultura da cidade, 52% e o principal meio de hospedagem, Hotel ou Pousada 46%. Fica evidente a necessidade de melhorias a fim de atrair outros públicos. Seja por meio de maior divulgação, e principalmente, através da realização de maior número eventos destinados a outro tipo de público, em particular os mais jovens.

7.9 Perfil dos Artesãos

Com relação ao perfil do artesão, foram aplicados 42 questionários destinados a conhecer o perfil socioeconômico dos artesãos, assim como seu ponto de vista do Turismo, além de sua relação com o Poder Público Municipal e a Universidade Federal de Ouro Preto.

Foram entrevistados em Dezembro de 2018, um total de 42 artesãos, sendo 30 artesãos de Ouro Preto num total de 40 artesãos, da tradicional Feira de Pedra Sabão e 12 artesãos de Cachoeira do Campo em um total de 17 artesãos. Alguns artesãos recusaram responder o questionário, no entanto, os que se dispuseram foram muito simpáticos e solícitos. Esse questionário possibilitou o entendimento e compreensão do turismo pelo ponto de vista do artesão, agente importante dessa atividade, que muitas vezes são esquecidos pela comunidade local, pelo setor privado e principalmente pelo Poder Público.

Dos artesãos entrevistados em Ouro Preto, 93% reside no próprio município, sendo o restante moradores do Distrito de Santa Rita de Ouro Preto, e com estado civil de solteiro em sua maioria, 60%. Já os artesãos de Cachoeira do Campo, 10 são moradores de Cachoeira, com um (1) residindo em Santo Antônio Do Leite e o último em Ouro Preto, e desses, 67%, com o estado civil de casados.

Com relação ao sexo, tanto em Ouro Preto como em Cachoeira do Campo, a distribuição do gênero se dá de forma idêntica, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Outra variável de importante relevância é se o artesanato é a principal fonte de renda. Em Ouro Preto, cerca de 83% dos artesãos responderam que o artesanato é a única fonte de renda, enquanto em

Cachoeira do Campo esse número não passou de 67%. Um dos fatores que pode estar ligado a esse baixo número, é a elevada idade dos artesãos de Cachoeira (Gráfico 9), sendo eles beneficiários da aposentadoria conforme os dados pesquisa.

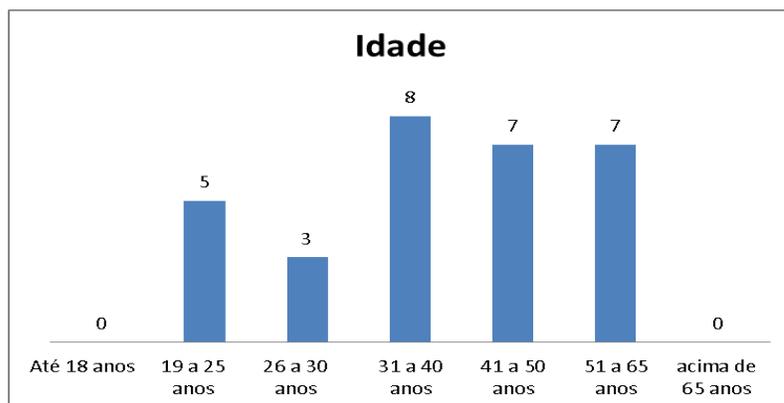


Gráfico 8 – Idade artesão Ouro Preto
Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

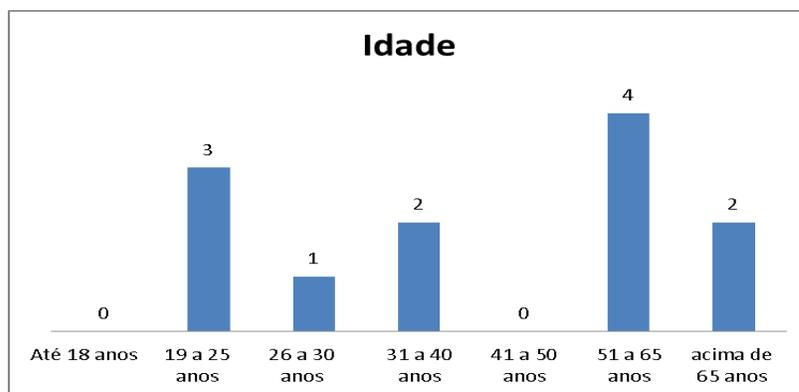


Gráfico 9 – Idade artesão Cachoeira do Campo
Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Outro dado relevante foi o grau de escolaridade dos artesãos, ao contrário do turista que apresenta um elevado grau de escolaridade, no outro lado da cadeia se encontra os de baixo grau de escolaridade. Onde é possível notar que o artesanato é um setor de forte absorção de mão de obra não qualificada, o que interfere diretamente na renda familiar conforme pode-se observar nos Gráficos 10 a 15

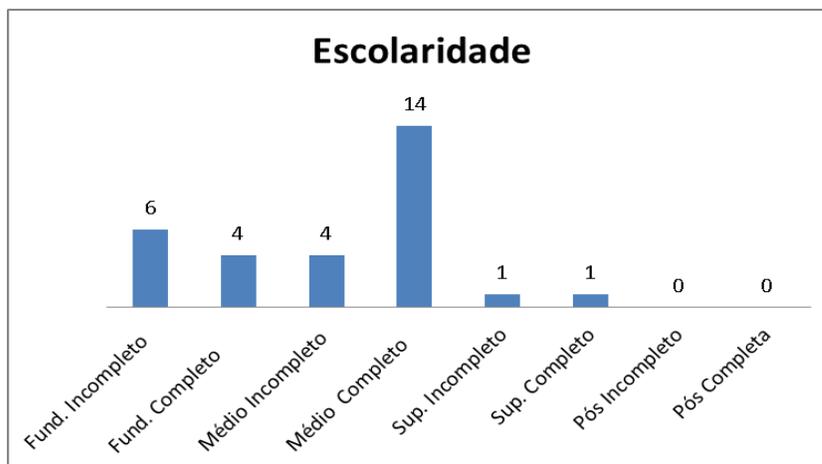


Gráfico 10 – Escolaridade Artesão Ouro Preto

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

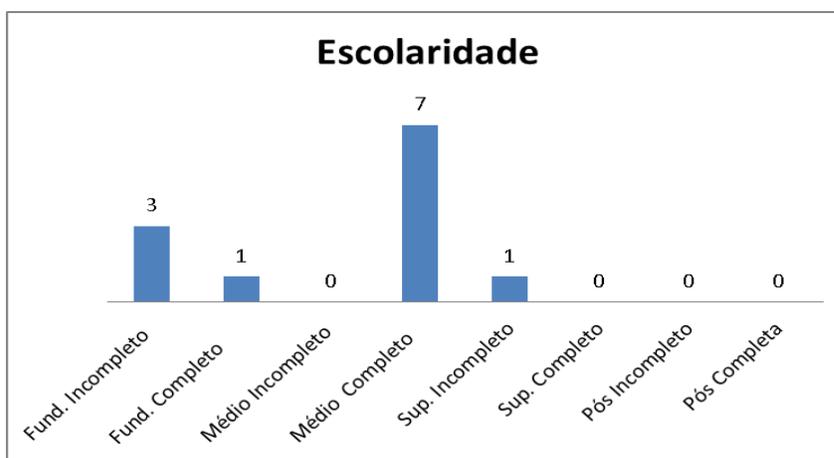


Gráfico 11 – Escolaridade artesão Cachoeira do Campo

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Como se observa nos gráficos 10 e 11, o nível de escolaridade que mais se destaca é a o ensino médio completo, tanto em Ouro Preto como em Cachoeira do Campo. Contudo no que diz respeito ao ensino superior, dos 42 entrevistados, apenas um possui nível superior completo, o qual está localizado na cidade de Ouro Preto, ao passo que em Cachoeira do Campo, não há nenhum artesão com nível superior completo.

No que diz respeito ao nível de renda familiar, pode-se perceber que cerca de 20 entrevistados possuem renda entre 1 a 2 salários mínimos em Ouro Preto e apenas quatro (04) em Cachoeira do Campo, tendo apenas um entre todos os entrevistados da pesquisa com uma renda de 4 a 10 salários mínimos.

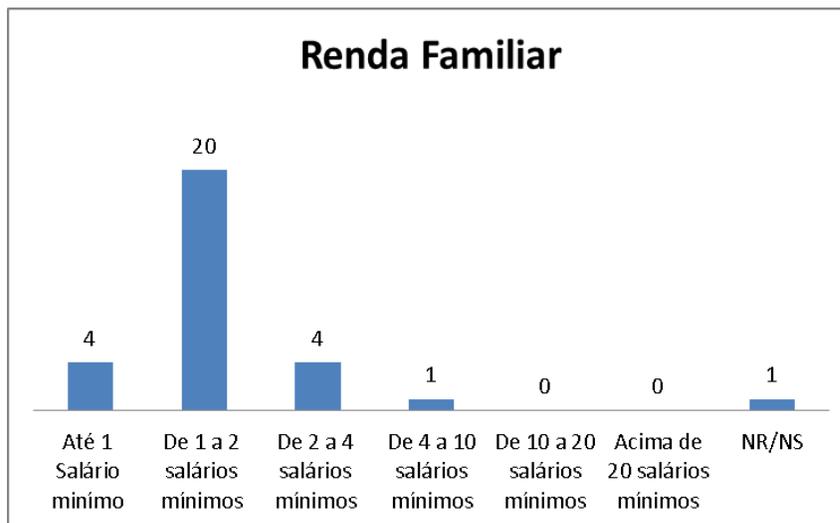


Gráfico 12 – Renda Familiar artesão de Ouro Preto

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

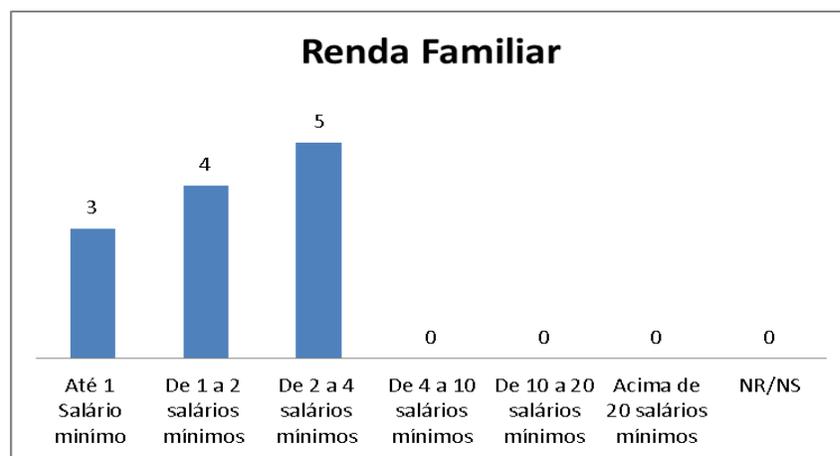


Gráfico 13 – Renda Familiar artesão de Cachoeira do Campo

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Ao analisar agora em relação ao número de dependentes, nota-se a importância do artesanato como fonte de renda de muitas famílias, sendo ela muitas vezes a única fonte. Apenas oito artesãos não possuem dependentes de sua renda.

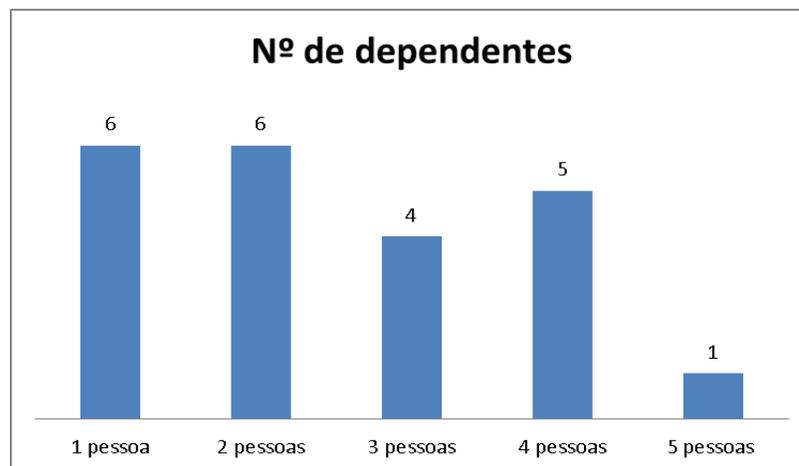


Gráfico 14 – número de dependentes artesãos de Ouro Preto
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

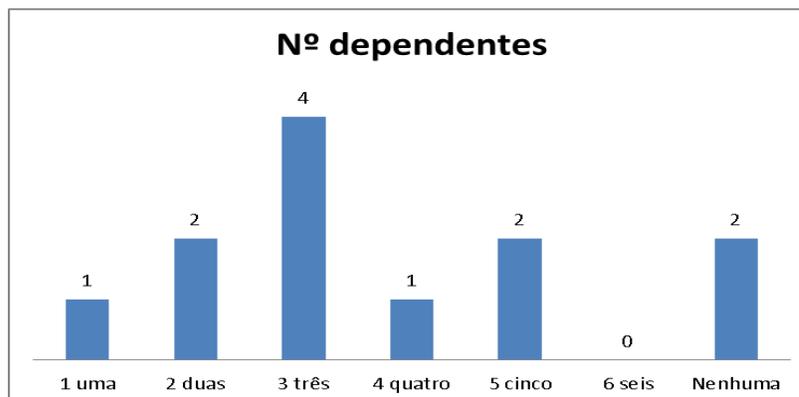


Gráfico 15 – número dependentes artesãos de Cachoeira do Campo
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

No que tange ao fato do artesão possuir ou não CNPJ, em Ouro Preto apenas 37% dos artesãos possui o CNPJ, enquanto em Cachoeira do Campo, esse número chega a 92%, um fator que pode explicar essa diferença é a estrutura da feira. Em Cachoeira, os artesãos ficam em lojas, que em sua maioria são alugadas, sendo necessário possuir CNPJ. Com relação a possuir a carteira de artesão, 50 % dos artesãos em Ouro Preto não possui a carteira, enquanto em Cachoeira esse número sobe para 67%.

Outro dado relevante é se o artesão divulga ou vende suas obras na internet. Em Ouro Preto apenas 30% dos artesãos divulgam ou vendem suas obras na internet, ao passo que em Cachoeira esse percentual é de 17%. Isso reforça o uso da internet como uma ferramenta

relevante e que deve ser levada em consideração para ampliação do mercado consumidor de seus produtos.

Ao serem questionados sobre o tipo de artesanato e a matéria prima, tanto em Ouro Preto como em Cachoeira do Campo o principal tipo é o artesanato em Pedra de Sabão, diferenciando apenas a origem da matéria prima. Em Ouro Preto a maior parte da matéria prima, isto é, a Pedra de Sabão, é proveniente do Distrito de Santa Rita de Ouro Preto, enquanto em Cachoeira do Campo a maioria provir de Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana- MG, qual também é conhecida por suas panelas de pedra.

Em Ouro Preto, 90% dos artesãos declaram não receber nenhum auxílio do município ou do Governo. Já em Cachoeira todos os artesãos responderam não receber nenhum tipo de auxílio do Governo.

Quando perguntado sobre a interação que possuem com a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e os artesãos, todos declaram que não houve até o momento, nenhum trabalho realizado pela UFOP, seja ele relacionado a gestão financeira, cuidados com a saúde entre outros, o que acaba por demonstrar a distância que a universidade com a comunidade local. Sendo assim, é necessária que haja de forma mais efetiva uma participação da Universidade e a comunidade local, seja através de pesquisas, estudos e cursos de qualificação que ela poderia vir a oferecer

Os Gráficos 16 e 17 a seguir apresentam a quanto tempo o artesão trabalha com artesanato, e por meio deles é possível verificar uma diferença substancial entre Ouro Preto e Cachoeira do Campo.

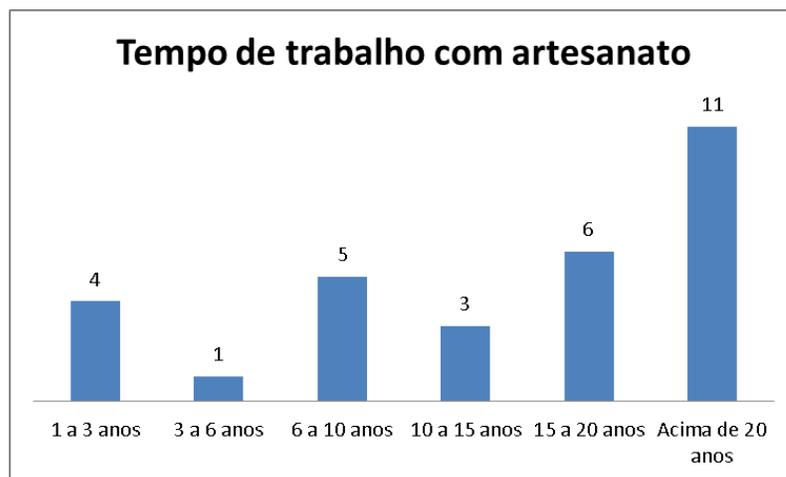


Gráfico 16 – Tempo em que trabalha com artesanato – Ouro Preto

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

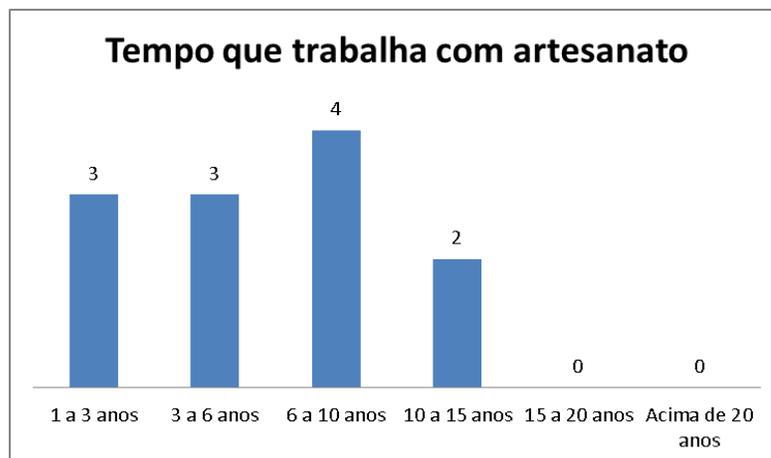


Gráfico 17 – Tempo em que trabalha com artesanato – Cachoeira do Campo
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Como se verifica em Ouro Preto, cerca de 26% dos entrevistados possui mais de 20 anos de trabalho com artesanato, e em Cachoeira do Campo a maioria, 9,5%, tem de 6 a 10 anos de atividade, sendo que 7%, isto é, 3 entrevistados possuem 1 a 3 anos e 3 de 3 a 6 anos, o que reforça o recente comércio da atividade no distrito.

No que diz respeito a realização de cursos ou treinamentos por parte dos artesãos, em Ouro Preto, 83% dos artesãos não realizaram nenhum curso de qualificação ou treinamento, enquanto em Cachoeira do Campo esse número cai para 75%. Com base nos dados, é evidente a necessidade da realização de cursos de qualificação e treinamentos para a capacitação dos artesãos, com o objetivo de qualificar e melhorar o atendimento ao turista, assim como aumentar renda.

Ao serem questionados sobre a valorização da atividade de artesanato com Pedra de Sabão, para 70% dos artesãos de Ouro Preto, o mercado de Pedra de Sabão não é valorizado. Entre os principais motivos citados por eles se destaca a falta de divulgação; o elevado número de concorrentes, o que os obriga a reduzir os preços; além da falta de interesse por parte dos moradores locais. Em Cachoeira, para 50% dos artesãos a Pedra de Sabão não é valorizada. O principal motivo citado por eles é a falta de divulgação, além do desinteresse por parte da comunidade local. Quando perguntados se deveria haver melhorias para o Turismo e o comércio de Pedra de Sabão, a resposta sim foi quase unânime. Dentre as sugestões de melhorias citadas por eles, no geral, a mais citada foi divulgação da cidade, assim como da Feira, seguida por realizações de eventos para atrair mais turistas.

Em Ouro Preto, a infraestrutura da Feira foi juntamente com a divulgação foram os principais motivos de reclamação. Infraestrutura que engloba desde a falta de banheiros destinados ao uso dos turistas e principalmente, dos artesãos, seguida pela infraestrutura da feira (Iluminação, padronização das barracas, cobertura contra as ações do tempo e intempéries). Segundo eles a iluminação seria excelente, pois assim, poderiam atender um número maior de turistas que transitam pela a cidade à noite, aumentando assim suas receitas.

A padronização das barracas iria tornar a feira mais atraente e bonita, não só aos olhos do turista, mas também dos moradores locais. No entanto, a reforma da infraestrutura da feira depende do aval do órgão fiscalizador, o IPHAN, que segundo eles é um forte obstáculo para a melhoria da infraestrutura da Feira.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados encontrados é evidente o potencial turístico da cidade de Ouro Preto, seja pelo seu rico patrimônio cultural e histórico, seja pela sua culinária tradicional, assim como por suas belezas naturais. No entanto, esse setor apresenta gargalos, em particular, em relação ao artesanato e artesãos de Pedra de Sabão. Sendo necessária uma participação maior tanto do Poder Público, assim como da Universidade e da comunidade local.

A Feira de Pedra de Sabão de Ouro Preto se mostrou um importante centro comercial, no entanto, carece de algumas reformas e melhorias. Entre elas, pode-se destacar a falta de banheiros destinados aos turistas e principalmente, aos artesãos. Além disso, a necessidade de uma padronização das barracas, o que pode tornar mais atraente e mesmo evidente os produtos expostos por ele. Outra questão relacionada à infraestrutura é a iluminação da feira, o que possibilitaria ampliar seu horário de funcionamento, atraindo assim mais turista, sendo um atrativo a mais no período noturno da cidade.

No que tange a discussão sobre o artesão, observou-se a necessidade da realização de cursos de qualificação e treinamentos a fim de melhorar o atendimento aos turistas e clientes. Sejam eles oferecidos pela Prefeitura, e principalmente, pela Universidade Federal de Ouro Preto⁴⁶, que segundo os artesãos se mostrou distante. Além disso, ampliar os meios de divulgação e vendas de seu trabalho, principalmente pela internet, ampliando assim seu mercado de atuação.

Com relação às características do turismo da cidade, se destaca o turismo histórico cultural, sendo necessário buscar alternativas para a ampliação de outros tipos de turismo, em especial, o ecoturismo. Aproveitando assim suas belas paisagens naturais, além de atrair outro tipo de público, aumentando assim a renda gerada pelo turismo. Ampliando assim a geração de emprego local, através da contratação de guias de ecoturismo, natural da própria cidade e que tem conhecimento, das trilhas, cachoeiras e picos naturais. Verificou-se também que poderia haver uma ampliação da realização de eventos na região, sejam congressos, eventos gastronômicos, shows, com o intuito de atrair cada vez mais novos públicos.

Todavia, vale lembrar, que o aumento no número de visitantes pode vir a ocasionar ainda mais problemas como: falta de água, bloqueios no trânsito, poluição, afetando principalmente a

⁴⁶ Diversos são os cursos oferecidos pela universidade que poderiam contribuir para o crescimento profissional desse artesão – Administração e Economia – poderia contribuir nas questões administrativas, econômicas e financeiras; Produção e Arquitetura – poderia auxiliar no controle da produção e logística além da organização física da feira. Entre outros relacionados à saúde e relações sociais. (Serviço Social/Jornalismo, etc)

comunidade local. Sendo necessárias reformas na infraestrutura da cidade - Estacionamento, fornecimento de água, coleta de lixo – que podem ser minimizados através de planejamento por parte dos órgãos públicos a fim de minimizar tais impactos a cidade.

Ao se analisar a participação da Prefeitura e do Poder Público, fica claro a necessidade de uma maior interação com o artesão. Através de políticas públicas e incentivos ao setor, por meio da regularização da atividade, do incentivo a qualificação profissional e principalmente, uma melhor condição estrutural e organizacional da feira. Além de uma maior divulgação da cidade pelos diversos meios de comunicação: internet, televisão, rádio, outdoors, etc. Com o intuito de atrair turistas não só de Minas Gerais, mas de todas as regiões do Brasil e do mundo.

Vale ressaltar que o Turismo é uma forma de lazer exclusiva, sendo praticada em sua maioria por pessoas de maior condição financeira. Devido a isso, é necessário encontrar alternativas para tornar essa atividade acessível a um número maior de pessoas, seja por meio de incentivos fiscais e parceiras público-privado.

Em Ouro Preto, o turismo é um forte agente gerador de renda e emprego diretos e indiretos, absorvendo em sua maioria, mão de obra não qualificada como ficou explícita na escolaridade dos artesãos. Contudo, o turismo é meio de inclusão social para os moradores locais, seja através dos guias, dos artesãos e dos diversos trabalhadores ligados a essa atividade.

Outro fator importante citado pelos artesãos é a necessidade de reformas e melhorias na infraestrutura da feira, melhorando assim seu aspecto visual e estrutural. No entanto, o IPHAN, órgão responsável pela preservação do patrimônio, se mostra uma barreira, sendo necessário um diálogo entre ambas as partes a fim de resolver esse entrave.

Em suma, nota-se que Ouro Preto apresenta um elevado potencial turístico, com amplo campo de crescimento, porém, é necessário que haja um planejamento maior para seu crescimento e desenvolvimento local de maneira mais eficiente e eficaz das políticas públicas por parte do poder público e mesmo de incentivos do setor privado. Tendo portanto, que haver de modo mais constante um maior diálogo entre a comunidade local (artesãos), a UFOP, a Prefeitura e o setor privado.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo de Paiva. **A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional/Tourism as a local and/or regional development factor. **Caminhos de Geografia**, v. 6, n. 14, 2005.

BARBOSA, Luiz Gustavo M. Os impactos econômicos do turismo e sua implicação nas políticas públicas: o caso do município de Macaé-RJ, Brasil. In: **Lisboa: VII Congresso Internacional Del CLAD sobre la Reforma Del Estado y de la Administración Pública**. 2002.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes antropológicos**, v. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BARROS, Jussara de. "02 de setembro - **Ouro Preto tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade**"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/ouro-pretopatrimonio-historico-humanidade.htm>>. Acesso em 25 de outubro de 2018.

BENI, Mário Carlos. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Turismo, Visão e Ação**, v. 6, n. 3, p. 295, 2004.

BEZERRA, Olívia Maria de Paula Alves et al. Talcose entre artesãos em pedra-sabão em uma localidade rural do Município de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 1751-1759, 2003.

BEZERRA, Olívia Maria de Paula Alves. **Condições de vida, produção e saúde em uma comunidade de mineiros e artesãos em pedra-sabão em Ouro Preto**, Minas Gerais:: uma abordagem a partir da ocorrência de pneumoconioses. 2002.

BORGES, Aylana Laíssa Medeiros; DA SILVA, Gilmara Barros. Mário Carlos Beni: Contribuição para o estudo do turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 4, 2016.

BRUSADIN, Leandro Benedini; DA SILVA, Rafael Henrique T. O uso turístico do patrimônio cultural em Ouro Preto. **CULTUR-Revista de Cultura e Turismo**, v. 6, n. 1, p. 69-89, 2015.

CANÇADO, Juarez Lopes. **Análise mercadológica do sistema turístico da cidade de Ouro Preto-MG**. 1974. Tese de Doutorado.

CASTILHOS, Zuleica C. et al. Trabalho familiar no artesanato de pedra sabão-Ouro Preto, Brasil. **Gênero e trabalho infantil na pequena mineração**, p. 168, 2006.

CIFELLI, Gabrielle et al. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto-MG**. 2005.

CUNHA, Licínio. **A Definição e o Âmbito do Turismo**: um aprofundamento necessário. 2010.

DINIZ, Alexandre MA; VERSIANI, Luciana Barbi. A demanda doméstica e internacional do produto turístico Ouro Preto e seus limites temporais e espaciais. **Turismo, Visão e Ação**, v. 8, n. 1, p. 91-104, 2006.

GORGULHO, Luciane Fernandes et al. **A economia da cultura, o BNDES e o desenvolvimento sustentável**. 2009 http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/07_-_pesquisa_-_comerciantes_artisanato.pdf .

GUIMARÃES, Rosana Gonçalves; ZAVALA, Arturo Alejandro Zavala. A atividade Turística da Região de Nobres/MT como instrumento de Desenvolvimento Econômico Sustentável. **Revista de Estudos Sociais**, v. 11, n. 22, p. 40-58, 2011.

HENRIQUES, Cláudia. **Turismo cidade e cultura: planejamento e gestão sustentável**. Edições Sílabo, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Papirus Editora, 2006.

IBGE. **Economia do Turismo**: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005. RJ: Rio de Janeiro, 2008.

CORDEIRO, Erika Dias. O turismo como fomentador da configuração espacial do município de Ouro Preto: o novo distrito de Lavras Novas. **CULTUR-Revista de Cultura e Turismo**, v. 2, n. 2, 2015.

KAMINSKI, Leon. A Prata do Leite: **Identidade, temporalidades e trabalho artesanal em Ouro Preto (MG)**. 2010.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do Turismo**. SP: Atlas, 2001. 7ª Edição (revista e ampliada).

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Turismo: Teoria e Prática** (organizadores). SP: Atlas, 2000. 1ª Edição.

MACHADO, Simone Fernandes; FONSECA FILHO, Ricardo Eustáquio. A Feira de Artesanato em Pedra Sabão enquanto produto turístico na perspectiva dos artesãos, Ouro Preto (MG). **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 8, n. 1, p. 39-65, 2014.

MACHADO, Simone Fernandes; FONSECA FILHO, Ricardo Eustáquio. **A Feira de Artesanato em Pedra Sabão, como produto turístico, na perspectiva dos artesãos**, Ouro Preto-MG. 2014.

NODARI, Maria Zenaide Ricardi. **As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu**. Tese de mestrado, PR: Curitiba, 2007.

O Artesão Brasileiro. SEBRAE, 2013.

OLIVEIRA, Héliida Vilela. A prática do turismo como fator de inclusão social. **Revista de ciências gerenciais**, v. 12, n. 16, p. 91-104, 2015.

OLIVEIRA, Gilson B.; LIMA, José Edmilson de S. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional**: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. *Rev. FAE Curitiba*, v. 6, n. 2, p. 29-37, maio /dez. 2003.

Os Comerciantes de Artesanato. SEBRAE, 2013.

QUINTAES, Késia Diego. **A influência da composição do esteatito (pedra-sabão) na migração de minerais para os alimentos-minerais do esteatito.** 2006.

SANTOS, Rita de Cássia Pedrosa. **Análise dos entraves para a criação de um arranjo produtivo local (APL) de base mineral da pedra-sabão na região de Ouro Preto,** Minas Gerais. 2009.

SILVA, Gustavo Melo; TANNÚS, Marcos Bartasson; MOREIRA, Ceres Virgínia Rennó. Economia e sociedade no sistema de produção mineiro-artesanal. In: **SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.** 2006.

SOUZA, Nali de Jesus. Desenvolvimento Econômico. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 2005. VIANA, Ana Sofia da Costa. **Uma aproximação ao turismo sustentável.**

TAKASAGO, Milene; MARIA DE LOUDES, R. Mollo. A economia do turismo e a redução da pobreza e da desigualdade no Brasil: o papel do Estado. **Revista Turismo em Análise**, v. 19, n. 2, p. 307-329, 2008.

World Tourism Organization (UNWTO) - UNWTO Annual Report 2015

XAVIER, Adriana Cristina. O papel social do Turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 6, n. 1, 2006.

BARTHOLO, ROBERTO. **Turismo e sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro.** Editora Garamond, 2005.

BECKER, Bertha K. **Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira.** Programa Nacional do Meio Ambiente, 1995.

ABREU, Marcelo. **A Ordem do Progresso** Edição Atualizada: Dois Séculos de Política Econômica no Brasil. Elsevier Brasil, 2015.

BARRETTO, Margarita. **Planejamento responsável do turismo.** Papyrus Editora, 2009.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura.** Revista Brasileira de História, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002.

CAVALCANTI, Keila Brandão; DA HORA, Alberto Segundo Spínola. Política de turismo no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 13, n. 2, p. 54-73, 2002.

FERRAZ, Joandre Antonio. Proteção jurídica do patrimônio turístico no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 3, n. 1, p. 93-98, 1992.

DA GRAÇA SANDOVAL, Carolina; ARRUDA, Jéssica Silva; SANTOS, Nathália Cabral. OURO PRETO-IMPACTOS DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM UMA CIDADE TOMBADA. **Itinerarium**, v. 2, 2009.

BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros. Estudo de competitividade dos 65 Destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. **Brasília: Ministério do Turismo**, 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Estatísticas e Indicadores. **Receita e despesa cambial turística:** Dados e Fatos. 2018. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticas-e-indicadores/receita-cambial.html>>. Acesso em: 24 set. 2018

MESSINA, Gustavo. **Ministério do Turismo:** Turismo injetou US\$ 163 bilhões no Brasil em 2017. 2018. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11037-turismo-injetou-us%-163-bilh%C3%B5es-no-brasil-em-2017.html>>. Acesso em: 24 set. 2018.

CARNEIRO, Neri P. **MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: ETIMOLOGIA.** 2009. 2018. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>>. Acesso em: 25 out. 2018.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL: **Cidade Histórica de Ouro Preto**. 2018. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/historic-town-of-ouro-preto/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

PROVINCIALI, Vera Lucia Novaes. Desenvolvimento institucional: estratégia para elevação da competência do órgão oficial de turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 9, n. 1, p. 20-36, 1998.

FERRAZ, Joandre Antonio. Disciplina jurídica do turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 1, n. 2, p. 44-62, 1990.

FIORI, Mylena. **Ouro Preto pode deixar de ser patrimônio cultural da humanidade**. 2002. 2018. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Ouro-Preto-pode-deixar-de-ser-patrimonio-cultural-da-humanidade/12/5392>>. Acesso em: 31 out. 2018.

Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil / Luiz Gustavo Medeiros Barbosa (Organizador). — 2ª ed. revisada — Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

OURO Preto comemora 35 anos como Patrimônio Cultural da Humanidade: Título foi concedido pela Unesco em 5 de setembro de 1980. 2015. 2018. Disponível em: <<https://ouropreto.com.br/noticia/1267/ouro-preto-comemora-35-anos-como-patrimonio-cultural-da-humanidade>>. Acesso em: 30 out. 2018.

CENTRO Histórico de Ouro Preto (MG). 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>>. Acesso em: 25 out. 2018

WERNECK, Gustavo. **Ouro Preto lança Ano do Patrimônio Cultural e reabre Chafariz dos Contos**: Reabertura do Chafariz dos Contos reverencia o patrimônio cultural e abre uma série de comemorações sobre a história da cidade barroca tricentenária, berço de Aleijadinho. 2018. 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>>. Acesso em: 25 out. 2018.

1980: Ouro Preto é Tombada como Patrimônio Histórico. 2008. 2018. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/educacao/passado-a-limpo/1980-ouro-preto-e-tombada-como-patrimonio-historico-92940.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

DIMENSTEIM, Gilberto. **Memoria Ameaçada: Ouro Preto descumpre sugestões dadas pela Unesco.** 2004. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd141004b.htm>>. Acesso em: 25 out. 2018.

LEGISLAÇÃO Informatizada - DECRETO Nº 60.224, DE 16 DE FEVEREIRO DE 1967 - Publicação Original. 1966. 2018. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60224-16-fevereiro-1967-400926-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

OURO Preto 35 anos como Patrimônio Cultural da Humanidade. 2015. 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/mg/noticias/detalhes/3271/ouro-preto-35-anos-como-patrimonio-cultural-da-humanidade>>. Acesso em: 25 out. 2018.

MONUMENTOS e Espaços Públicos Tombados - Ouro Preto (MG). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1494/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

OBRAS do PAC Cidades Históricas - Ouro Preto (MG). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1782/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PAISAGEM Urbana dos Séculos XVIII e XIX. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1648/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL: O papel da cultura no desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/culture-and-development/culture-in-sustainable-development/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL: **Patrimônio Cultural Imaterial**. 2018.

Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

APÊNDICE
QUESTIONÁRIO

<p>1) Residência em Ouro Preto: () Sede ())Distrito_____</p> <p>2) Sexo: A) () Masculino B) () Feminino</p> <p>3) Faixa etária: A) () Até 18 anos E) () 41 a 50 anos B) () 19 a 25 anos F) () 51 a 65 anos C) () 26 a 30 anos G) () acima de 65 anos D) () 31 a 40 anos</p> <p>4) Estado civil: A) () Solteiro B) () Casado C) () Viúvo D) () Divorciado E) () Outro:_____</p> <p>5) Escolaridade: A) () Fund. Incompleto E) () Sup. Incompleto B) () Fund. Completo F) () Sup. Completo C) () Médio Incompleto G) () Pós Incompleto D) () Médio Completo H) () Pós Completa</p> <p>6) Renda familiar: A) () Até 1 Salário mínimo B) () De 1 a 2 salários mínimos C) () De 2 a 4 salários mínimos D) () De 4 a 10 salários mínimos E) () De 10 a 20 salários mínimos F) () Acima de 20 salários mínimos G) () NR/NS</p>	<p>9) Quantas pessoas dependem de sua renda ? _____ _____</p> <p>10) Pessoas de sua residência trabalham junto de você? A) () Sim. Quantas? _____ B) () Não</p> <p>11) Tem CNPJ ? A) () Sim B) () Não</p> <p>12) Tem divulgações de suas obras publicadas em sites? A) () Sim B) () Não</p> <p>13) Se sim, em qual site? _____ _____ _____</p> <p>14) Possui a carteira de Artesão? A) () Sim B) () Não</p> <p>15) Qual é a sua principal matéria prima de trabalho, e qual é a sua origem ? _____ _____ _____ _____</p>	<p>18) Você trabalha na extração da pedra sabão? () sim () não</p> <p>19) A ufop realiza ou já realizou algum tipo de trabalho com vocês sobre: () cuidados com saúde; () gestão financeira; () outros (especificar). _____ _____ _____</p> <p>20) A quantos anos trabalha com artesanato?</p> <p>21) Já realizou algum tipo de curso ou treinamento para artesanatos? () sim () não</p> <p>22) Na sua opinião, o mercado de pedra sabão é valorizado em Ouro Preto? () sim. () não. Porque? _____ _____ _____</p> <p>23) Você acha que precisa de haver melhorias para o turismo e comércio em pedra sabão em Ouro Preto? O que sugere? _____</p>
---	---	---



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – DEECO – ICESA
COLEGIADO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS



Certifico que o aluno **Rodrigo Moutino das Dores**, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “**A Economia do Turismo e o Artesanato em Ouro Preto**”, efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Chrystian Soares Mendes
Orientador

Mariana, 08 de janeiro 2019.